CARTAS

A

UM ESTHETA

ESCRIPTAS

POR

ALFREDO PIMENTA

PORTO

Editores MAGALHÃES & MONIZ, L.DA

11, Largo dos Loyos, 14

1917

Cartas a um Estheta

DO AUCTOR, em Arte:

PUBLICADOS:

Na Torre da Illuzão — 1912.
EDIT. França Amado — COIMBRA.

Alma Ajoelhada — 1914.
EDIT. Antonio Maria Pereira — LISBOA.

O Livro das Oraçoens — 1916.
EDIT. Mario A. Leitão — PORTO.

Palavras de Arte — 1916.
EDIT. França & Armenio — COIMBRA.

Payzagem de Orchideas — 1917.
EDIT. Ventura Abrantes — LISBOA.

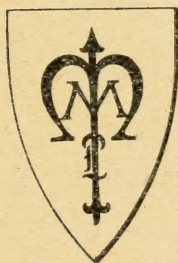
Cartas a um Estheta — 1917.
EDIT. Magalhaens & Moniz — PORTO.

A PUBLICAR:

O Livro dos Beijos e dos Abraços.

EM PROJECTO:

O Livro das Symphonias morbidas.

Cartas a um Estheta

ESCRIPTAS

POR

ALFREDO PIMENTA

PORTO

Editores MAGALHÃES & MONIZ, L.da

11, Largo dos Loyos, 14

1917

A

L. H.

de todo o meo coração.

I

Joia: — Quando, pela ultima vez, nos encontrámos, e conversámos, em lento passeio, á beira-mar, sob estrellas tremulas e sob um luar doce como afagos de dedos amados, nessa occasião longinqua e querida — pediste-me tu te escrevesse uma série de cartas, — no genero daquellas *Cartas para a Auzente* que publiquei, ha dois annos, num jornal de Lisboa. Mal te ouvi, nesse momento, — que o aborrecimento dos meos nervos lassos era grande, e a minha disposição para te attender era pequena. Mas tudo cança. Até a lassidão duns nervos doentes cança...

E assim, a esta hora tranquilla e alta da noite, pacifica como a noite de um tumulo, morna como a tepidez de uma alcova, molle como um bocejo, e cheia de indolen-

cias, das minhas singulares indolencias, á luz hesitante e pallida de um candelabro sereno, — eu começo estas cartas, estas cartas de torturado gosto, impressoens doentias de um enfastiado, notulas ligeiras que só tu entendes, Amigo distante e certo.

Separam-nos legoas de bruma e de silencio. Eu arrasto esta existencia dolorida de vencido, envenenada (ou santificada?) pelo meo cada vez maior orgulho, neste 2.º andar sobranceiro e calado, entre as estantes singelas dos meos livros, e o encantamento religioso dos meos sonhos. Na semi-obscuridade do meo quarto, onde as flores põem manchas de vidas esvahindo-se, entre a Sciencia austera e grave, e a Arte morbida, divina na sua *morbidezza*, e bella nas suggestoens raras dos seos symbolos — eu oiço-me na minha voz e leio-me nos espelhos dos meos olhos, tão longe do mundo, como se entre mim e o mundo ficassem espaços infinitos. Tu, mais feliz ou mais bemfadado, erras por longes terras, terras de sonhos mysteriozos e de enygmas indecifraveis, contente do amor

com que te amam os que como eu sabem amar-te.

Legoas de bruma e de silencio nos separam... Deixaste a tua casa e os teos tapetes, o teo conforto, os teos bibelots, o teo fogão e o teo luxo. Fugiste á civilisação que tu dizes matar-me, e quizeste mergulhar no bucolismo e na simplicidade. Com olhos magoados te vi partir, e com saudade ancioza, aguardo a hora da tua chegada. Entre campos verdes e entre serras verdes te perdes e te esqueces, lendo a *Marilia de Dirceo*, e traduzindo as *Georgicas* de Virgilio.

Podias ter levado, como te aconselhei, *La Vie des Abeilles* de Maeterlinck — onde ha um pouco da detestavel simplicidade campezina, sem de todo se perder um pouco do perfume deliciozo da Cidade. Mas tu não quizeste. A tentação do bucolismo natural e sem sophismas venceo-te, e eu imagino-te agora intimamente identificado com a brutidade aspera da terra, e a aspereza selvagem do monte... Que differentes nós somos, meo Amigo! Eu adoro

o bucolico, — mas atravez a letra redonda, e uma letra preciosa e moderna. Adoro o bosque, — mas o bosque de Watteau, em moldura de oiro velho, entre tapeçarias do seculo XV, num amplo salão de poltronas commodas, de luz quebrada coada por vitrais sombrios, entre lindas senhoras murmurando ironias, e orchideas mysteriozas murchando em solitarios de crystal raro. Gosto da agoa fina e fresca, mas cahindo em tanques de marmore, e banhando corpos nús de deozas nuas... Á Natureza ajardinando a terra, prefiro Le Nôtre desenhando Versailles. Ao rouxinol que canta melodias suaves, prefiro, sem hesitar, os *lieder* de Debussy. Prefiro Luiz de Gongora a João de Deus, e o seculo XVII — hespanhol, francez, italiano ou portuguez, vale bem qualquer dos outros... Prefiro Barbey d'Aurevilly a Julio Diniz. As mulheres de Gustavo Moreau, incendiadas de pedrarias e embriagadas de perfumes, valem bem mais que a Venus de Milo, burocratisada, aburguezada, familiarisada com todas as lithographias e todas as casas de

hospedes, com a rua e o largo, a avenida e o becco, a multidão e a plebe... Eu sou assim, e tu não és assim. Tu amas o simples e o rustico, deslumbras-te com o sol e enthusiasmas-te com a luz. Eu, qual flôr de estufa, a quem o sol cresta e a luz magôa, prefiro á luz do sol a luz reverberante das joias, e ao tapete humido, que tu dizes deliciozo, da relva, prefiro os tapetes *ouatés*, abafados, discretos e molles dos saloens *comme il faut.* Talvez por isso tu me pediste estas cartas. Queres lêl-as como quem lê documentos raros, vindos do outro planeta e doutras idades. E pobre de ti, se outra coisa quizesses...

Não me sinto, meo querido Amigo, com feitio para succeder a S. Francisco d'Assis, — o *poveréllo.* E creio bem que a minha missão na terra, não é, ai de mim! conduzir almas ao ceo; antes me parece que ella seja a de levar corpos ao inferno. Pelas minhas mãos não irás tu ao ceo, que as minhas mãos, por muito que mas perfumem gotas de nardo e mas tornem finas a pelle de anta ou a camurça, só sabem tresmalhar

ovelhas e indicar caminhos de perdição amena...

A um estheta como tu, só de coisas de arte poderei falar, só sobre coisas de arte é licito escrever. Por isso, poiso a pena sóbria e calma do politico, a pena reflectida e constantemente duvidosa do philosopho.

E tomando a pena leve do artista — fecho os olhos na soberba contemplação das minhas phantasias e das minhas predilecçoens, e, com licença de certos meos amigos integralistas, — amo a Arte pela Arte, e é amando-a assim, que sobre ella te escrevo. Fecho o Comte e o Wundt, o De Maistre e o Gobineau, e abro o meo Wilde, o meo D'Annunzio, o meo Valle Inclan, o meo Lorrain; olho o meo Moreau e o meo Greco, o meo Chavannes e o meo Burne-Jones...

São cartas para ti e para os que forem como tu, — já que não posso dizer para os que forem como eu. Não são cartas para politicos, nem com ellas eu posso aspirar a entrar na confraria dos immortais politicos, cantados na camara dos deputados e apo-

theosados na camara do senado. Não são cartas para serem apreciadas, ás 4 horas da tarde, na conceituada praça de Lisboa, entre a Alfandega e a Associação Commercial. Não são cartas para os Directores geraes dos ministerios, e para as burguezinhas que sobresaltadamente seguem as peripecias dos *Mysterios de New-York*. São cartas para tu lêres, lá longe, entre o sussurro monotono dos pinheirais, á luz da tua candeia de tres bicos, na tua casa perfumada a feno e a alfazema. São cartas que eu te escrevo, na exacerbação da minha melancholia, eternamente auzente dos bens que sonho, saudozo dum riso que me fugio, de uma alegria que nunca senti, bocca feita para os beijos que não tenho, olhos feitos para imagens que nunca se formam...

Até á semana.

II

Meo querido Amigo:—Nesta fria tarde de enervantes melancholias, nem eu sei como me lembro de te escrever, de te fallar.

Cinzenta e diluida em tedio, a bruma abraça em lentos e vagos abraços, as coisas do mundo. São feitas de curvas, de esboços, de manchas apagando-se e dissolvendo-se, as coisas que a bruma envolve, cinzenta e diluida em tedio... O scenario é de penumbra. Ondulam, docemente, tristezas. E os sonhos murcharam, succumbidos, como as creanças desiludidas e inquietas. As agoas finas do rio, encantadas da bruma, vão mais devagar, beijando areias de oiro, e acariciando seixos de neve, com veios de noite. Nessa tarde singular de sombrias melancholias, cahiam dos ramos enregelados das

arvores, folhas seccas e mortas como pennas de azas de pombas.

Eu ficara-me, doentiamente aborrecido, na sombra isolada do jardim, longe de mim e longe do mundo. Na fascinação allucinante da tarde que morria, agasalhada em bruma, sem sol e sem vento, as minhas palpebras foram velando as meninas dos meos olhos, como se beijos languidos e humidos mos fechassem e adormecessem. Seduzido pela inercia da tarde, a minha vontade ia-me deixando pouco a pouco como um perfume que se exala e sobe, adelgaçado e resolvendo-se em sombra, para o espaço mudo e tranquillo. No jardim, apenas se sentia o silencio, que nem as agoas do rio, passando, longe, conseguiam perturbar ou quebrar.

E da janella rendilhada de um palacio de marmore verde, erguido no meio de um parque inviolado que as ondas do mar, sempre em grandes e tumultuozas vagas, rodeavam e defendiam, sahio, em loucuras e desesperos, a primeira lingoa de fogo, lambendo a pedra num espasmo de gozo...

Era o Palacio da minha Illuzão que ardia.

Todo de marmore verde como a Chimera que o edificara, elle ia consumir-se nas torturas indominaveis do fogo, nas ancias inconcebiveis das labaredas, no meio do parque fechado que as ondas do mar defendiam e orlavam. Vivia a minha Illuzão nesse Palacio de marmore verde, na contemplação de si propria, entre altos espelhos de crystal de Veneza, e trazendo nos cabellos de oiro, flôres raras de estufas preciozas. Era palida como cera, e os seos labios eram roxos como violetas desmaiadas. O olhar era triste e frio como o olhar da Morte a quem faltem os encantos da vida. Magra que parecia que um sopro a quebraria, e transparente como um crystal, ella passava os seos dias nos terraços, conversando com as flôres que para ella voltavam, encantadas, as suas corolas frescas, e amimando as pombas brancas que vinham, como aureola de neve, bater as azas docemente á volta da sua cabeça. Á noite, espalhava pelas arcarias silenciozas do Palacio,

os soluços magoados e soluçantes da sua harpa, em cujas cordas fazia passar, indolentemente, seos dedos magros e esguios como ais a morrer...

Para a vida dos sonhos se creara, e na vida dos sonhos vivia... Ás vezes, descia ao parque. E junto dos lagos onde os repuxos brincavam com espheras de oiro, ella deixava poisar os seos olhos moribundos no crystal fino das aguas, a vêr se a sua imagem era tão linda como lha dava o crystal parado dos espelhos. E era tão linda ou era mais linda ainda...

Mas nessa tarde de bruma cinzenta a diluir-se em tedio, o Palacio de marmore verde de que a minha Illuzão era dona, ardeo, e em cinzas os madeiramentos, estalados os crystais, queimadas as tapeçarias, fundidas as joias de oiro e os jarros de prata, dispersas as pedras preciozas, abatidas as estufas e mirradas as flôres, enegrecidos os marmores e deterioradas as estatuas — delle ficaram apenas, espectrais e macabras, as paredes, onde as janellas vasias e ôcas pareciam orbitas espantadas

e demoniacas. Tambem a minha Illuzão morrera, devorada pelas chammas do Incendio... Mas eu fui passar pelos escombros, a revolver os escombros e as cinzas ainda fumegantes, na esperança de que alguma coisa tivesse escapado do meo Palacio de marmore verde. Noites inteiras de mezes seguidos, enterrei meos pés nas cinzas desfeitas e magoei meos dedos nas arestas das paredes. Eu não podia ver de dia o Palacio: a luz do sol era uma affronta á minha dòr, era um insulto sacrilego feito á minha viuvez... E assim só de noite eu pesquizava, anciozo, cada vez mais anciozo e mais desilludido. E nada! Tudo se partira, tudo estalara, tudo se fundira, tudo ardera...

Já eu volvia meos passos incertos. na decisão de não mais voltar, quando meos olhos fixaram brandos reflexos verdes que num montão de cinza esbranquiçada, punham uma nota de esperança e chimera.

Approximei-me... Era a esmeralda de um annel. Era a esmeralda do annel da minha Illuzão, esmeralda de um verde

glauco e mysteriozo, instavel com a luz do dia e com a luz, á noite.

Trouxe-a commigo. E ella me faz sonhar sonhos de encanto e de amor, com beijos longos que não têm fim, e abraços que asphixiam, perfumados e harmonicos... E de posse della, eu evoco a minha Illuzão morta.

E vejo-a numa tarde de outomno, á janella do seo palacio, na luz difusa da penumbra de um poente, acenar-me, toda tristeza, com seo lenço de Hollanda fina que rendas leves e feiticeiras ornam e abraçam. Era tão linda a sua mão coberta de joias! E parecia-me que mais ardente do que as joias embellezadas pelos seos dedos, era aquelle beijo de saudade que eu depuzera na palma levemente tepida da sua mão, na concha pallida da sua mão...

Eu ia para as minhas magoas e desventuras, e ella ficava, sosinha e cançada, no seo Palacio de marmore verde, tecendo suas phantasias douradas e infinitas.

Mas o fogo purificador levou-ma, no arrebatamento da sua paixão e da sua fe-

bre, deixando-me apenas, intacta e perfeita, a esmeralda do seo annel. E eu trago-a, agora, encastoada em onyx, fulgurando diabolicamente sombria, na minha bengala; e na contemplação da sua còr morbida e mysterioza, eu passo os dias do meo tedio, e as horas do meo enfado...

III

Menino: — O meo solitario de crystal, esguio como ondulante mulher magra, está viuvo. Foram-se as orchideas roxas ou brancas que o envaideciam, e morreo-lhe, ha dias, um girasol de oiro, imponente e magestozo — o qual viera para aqui com o fim de lhe matar as saudades das orchideas enigmaticas.

E a viuvez do meo solitario mergulha em sombra doentia a atmosphera do meo quarto... Olho o mudo e desolado solitario, a esta hora, todo cheio da luz das velas que o beija, e o abraça, e o afaga, e o enternece, e fico-me, como elle, vagamente triste, vagamente desolado. Queria ter-te, neste momento, junto de mim. Não para te agradecer o telegramma que me mandaste, pois que antes de tu me dizeres

que a minha carta era uma bella carta, já eu sabia muito bem que ella era uma carta bella. Não para te agradecer o telegramma, mas para conversar comtigo, para lembrar, junto de ti, a tua casa abandonada, a tua casa onde a Esthetica se não industrializara, perdendo o seo sabor delicado de coisa rara e precioza.

A tua casa, meo Amigo! Velha de seculos, theatro de commoçoens intensamente dramaticas, museo vivido de raridades e luxos, ella é ainda o unico ponto da terra para onde eu, nesta hora de profundo tedio, de infinito desdem, olho com ternura, com encantamento, emquanto saboreio, com volupia e peccado, golos lentos e cançados de chá frio... A tua casa é um amor. É um amor, porque nella não ha a luz arida e magoante da rua. Tudo na tua casa é escuro, porque todas as côres, nella, são sombrias. Tão profunda é a sombra que a anima, que todos nós, vivendo nella, somos sombras, sombriamente vivendo. E o silencio da tua casa! Os passos morrem nas alcatifas; as vozes esbatem-se nos re-

posteiros. Não ha gritos, não ha improperios — ha o murmurio liquido das almas errantes, e as palavras discretas das almas encantadas. A tua casa, ilha perdida num oceano ignorado, cerrou os olhos ao Presente, e vive, calada, fechada, abandonada, a vida intensa das recordaçoens. Começa a abraçar-lhe as paredes a hera verde e eterna. Habituam-se as janellas ao tumulo de dentro, e animam-se no silencio e no escuro, as figuras dos pannos de Arraz.

As arvores do bosque que circundam a tua casa, erguem seos braços nodosos e fortes, na exteriorisação caprichoza de uma vida de mysterios. Passeiam suas caudas illuminadas e suas plumagens vistozas, os teus pavoens famozos. E nos lagos de marmore onde tritoens enamorados de sereias se banham na agoa fresca, os teos cysnes pretos, cheios de pompa e de orgulho, nadam, e mergulham a altiva cabeça vaidoza. Nos terraços a que as columnas corynthias dão um ar de magestade elegante, exhibem seos tédios, melancholicos e indolentes, os teos galgos de raça...

Tudo deixaste, tudo abandonaste pela simplicidade rustica dessa aldeia onde presentemente traduzes Virgilio e lês a *Marilia de Dirceo*, longe de mim que te amo como deve ser amado quem tanto como tu, te identificas com o meo Pensamento e com o meo Sentir — àparte o detalhe do amor ao bucolico. De resto, eu tenho fundadas esperanças de vêr terminada essa crise de selvageria, de regressão á animalidade, que te arrastou, uma nevoenta manhã de primavera, para longe de mim. Isso é uma crise passageira proveniente das semanas de mundanismo em que te deixaste cahir, e sobre o qual, aliás, não podias ter illuzoens, porque muita vez fallámos no caso.

Eu amo a cidade, mas não naquillo que ella nos dá a toda a hora, e offerece a toda a gente. Eu não amo a cidade que se desloca para vêr o hypopotamo, corre ás toiradas nocturnas e vae aprender historia romana para o Polytheama, vendo o *Julio Cesar*. Eu nào amo a cidade que, aos domingos, como quem cumpre uma obrigaçào official, vai para Cintra ou para Cascais, desdobrar

na relva ou na praia, affrontando a payzagem, o guardanapo do seo farnel. Eu não amo a cidade que se exhibe aos olhos de todos, por aquella razão que me leva a não achar encanto ao artista que, sem necessidade, se expõe aos olhos barbaros do Publico. Isso é o aspecto mundano da cidade, banal, burguez, hoje egual ao que foi hontem, amanhã egual ao que foi hoje, cegarega de todos os dias, de todas as semanas, de todos os mezes, de toda a vida.

Não amo, tão pouco, a cidade industrialisada, chamada progressiva — a cidade dos automoveis e dos electricos, dos telephones e dos ascensores automaticos. O que eu amo na cidade é a civilisação esthetica que ella encerra, é a sensação superior que um não sei quê que ella possue nos dá, é a sua atmosphera de morbida decadencia. O que eu amo na cidade é aquella linda mulher que passa, ondulante e lenta, flôr precioza que a gente não ama para a poupar, que a gente poupa para vir a amar, synthese de luxo elegante, cujos braços tem enleiamentos de cobra, cujos beijos devem ter

o sabor do meo mel, e cuja pelle é fina como pennas de cysnes... O que eu amo na cidade é a conversa tranquilla num salão escolhido, onde os paradoxos passam ligeiros, e as *boutades* pòem manchas roseas de sorriso.

O que eu amo na cidade é a sua maldade civilisada que nos faz peccar em pensamento, em intençoens e em desejos, mas nos não deixa peccar em obras... O que eu amo na cidade, finalmente, é a sua capacidade de crear belleza, de crear artificio, de gerar requinte, de gerar mentira. Nada disso tens ahi na tua aldeia, onde os sentimentos da cidade se adulteram e se desmancham.

A Cidade, meo Amigo, deo-nos Fradique, deo-nos Brummel, deo-nos o marquez de Bradomin. O bucolico deo-te o abominavel Julio Diniz — com a sua galeria de broncos e de patetas... Benvenuto Cellini, o burilador de magias, e Gustavo Moreau, o deos das còres sensuais e voluptuozas, não são gerados na simplicidade fresca do bucolismo: são flòres de estufa. E Aretino,

o divino, commensal de Papas e de Reis, não é figura que se colloque entre camponios ou pastorinhos de ovelhas...

Regressa á Civilisação, Amigo. Regressa aos teos pavoens, aos teos cysnes pretos e aos teos galgos. Regressa ás tuas tapeçarias e aos teos *bibelots*, á tua estufa de flôres sem egual, e ao teo orgão, onde Bach nos falla em notas graves. Regressa, que eu, saudozo de ti, emquanto saboreio, com volupia e peccado, lentos goles de chá frio, e contemplo, com tristeza vaga, a viuvez do meo solitario de crystal, prometto-te uma longa conversa sobre Moreau e Jean Lorrain.

IV

Meo Amigo: — Frios rios de melancholia passam nos meos olhos que a luz cança e a Paysagem enfada. Uma bruma de tedio me cerca, encerrando-me e corrompendo-me em indolencias perversas e voluptuosas. Cahe a tarde. Somnolentas, esquecem-se na bruma ligeira deste fim de dia, as arestas, as linhas, as coisas. E na minha frente, explendida na sua nudez, sagrada na sua luxuria, maravilhoza nas suas joias, a *Salomé* de Gustave Moreau suspende a sua dança de tentação, ante o perfil emaciado de João Baptista que me surge nimbado de luz...

Ninguem pode falar de Gustave Moreau sem evocar, immediatamente, o nome de Jean Lorrain. Jean Lorrain é o poeta de Gustave Moreau, como Gustave Moreau é o pintor de Jean Lorrain. Dos dois te falarei

hoje, meo Amigo, neste fim de tarde monotono e offegante, bocejante e maçador...

Uma senhora das minhas relaçoens, de culto espirito e de gosto culto, escrevendo-me um dia, chamava a Gustave Moreau, «o poeta dos rubis, das esmeraldas e das saphiras.» A synthese é explendida pelo que nos dá de brilhante, de luxuozo, de bello e de ardente. Esta Salomé que, deante dos meos olhos banhados em rios frios de melancholia, suspende sua dança de tentação, porque a surprehende, nimbado de luz, o perfil emaciado de João Baptista,—esta Salomé é um encanto.

A tela é luz, oiro e nudez. Flòres espalhadas. A riqueza do *décor*, as columnas, e os estofos, e os tapetes—tudo isso é de maravilhar os olhos. Semi-nua, coroada de pedras preciozas, embelezada pelos braceletes, pelos colares, Salomé, com o seo pé direito mal tocando o chão, vem de dançar lindas danças. É a Salomé de Wilde, queimada de volupia, é a Salomé de Eugenio de Castro embriagada de graça.

Evoquemos agora a *Chimera*. A Chimera

galopa, direita ao infinito, sobre abysmos loucos, perdido o seo olhar azul... Suspensa do seo pescoço, abraçada ao seo pescoço, a face na sua face, afagando-a, beijando-a, divinamente nua, a Sonhadora mulher, a mulher que sonha, symbolo de todas as almas, segue o galopar da Chimera, sobre abysmos, para o infinito. É frio o olhar da Chimera. Vão tão alto, que já passam entre as nuvens, e as aguias lhes ficam para além, cançadas e desiludidas. Só doidamente abraçada ao seo pescoço, intimámente ligada ao seo corpo, pondo na còr sombria do seo corpo uma delicioza mancha clara, a Sonhadora, symbolo de todas as almas, segue, confiante e amante.

E em seo soneto muzical, Jean Lorrain commenta:

> «Le vertige les tord et, dardant sa prunelle,
> Les bras autour du cou du monstre aux yeux d'azur,
> S'enfonce dans la nuit la Rêveuse éternelle.»

Vê agora este, meo Amigo, este quadro das *Lamentaçoens do Poeta.* Que lindo corpo ephebico, de finas linhas, elegante e leve!

A Musa, a quem o Poeta confidencia suas queixas, enfeitada de joias, ouve-o, e quem sabe que palavras de esperançado amor lhe murmura, ou que palavras de desencantada desilluzão lhe diz!

Fallar de Gustave Moreau não é descrever um a um os seos quadros. Para quê destacar a superioridade technica do *David meditando*, o hieratismo doentio de *Helena*, a que desce, somnambulicamente, cheia de joias e de sonho, sobre cadaveres, a atmosphera de sensualismo adormecido do *Bethsabé*, o deslumbramento oriental do *Poeta persa*, e essa extraordinaria *Semele*, em que os meos olhos se perdem, nem eu sei se encantados da belleza da deoza que morre, se maravilhados da riqueza entre que ella morre? Gustave Moreau é o pintor das joias, das formas, do mobiliario asiatico e egypcio, da nudez e do sonho, dos marmores, das pedras preciozas, dos estofos brilhantes, dos tapetes polychromicos, e desse enygmatico ceo de mysterio que fórma o fundo do seo quadro *A idade de prata!*

Gustave Moreau é o pintor das volupias irreais, das côres doentes e decadentes, dos luxos deslumbrantes. É o «poeta dos rubis, das esmeraldas e das saphyras». É o pintor das *princezas de marfim e de embriaguez* que Jean Lorrain descreveo em seus contos de fadas. Não é o pintor para os barbaros de todos os tempos, para quem a Belleza, para ser bella, precisa mostrar-se sadia e forte, — uma especie de mulherona de carnes duras e ancas ferteis. Não é o pintor para os barbaros de todos os tempos que confundem Arte com reportagem, que confundem Belleza com utilidade, que confundem Graça com estupidez. Moreau é o pintor dos requintes, das linhas adelgaçadas, das sombras esvahidas, das nevrozes, dos idealismos. É o Jean Lorrain da pintura... Não é o pintor das plebes, nem das multidoens — que não foi para as plebes e para as multidoens que se fez a Arte, que se creou a Belleza, que se imaginou a Graça...

E Jean Lorrain? De tanto que te falei nelle, já tu conheces *Monsieur de Phocas*,

*

o da obsessão dos olhos verdes, o das collecçoens de esmeraldas, o dos sonhos de opio, o dos pezadellos terrificantes. São paginas em que fluctua a alma de um artista raro que entende de camapheos e de joias...

Que me importam as suas tragedias — se lendo o seo diario, os meos nervos se crispam, a minha sensibilidade se afina, o meo gosto se espiritualisa, e o meo espirito esquece a carneirada humana que vive giboiando as asneiras que produz?

Os seos versos, os versos de *L'Ombre ardente* são figuras de camapheos antigos, e trazem os perfumes raros que se evolavam, antigamente, em caçoilas de oiro. Ha beijos de gelo e abraços de gelo — que as suas mulheres são de marmore, e os seos amores são de mortas. Eu queria poder citar-te, reproduzindo-os, os sonetos *Sur un portrait*, os da serie *Le Pays des Fées*, e os da serie *L'Ombre glauque*... E queria falar-te das suas impressoens artisticas contadas no seo *Sensations et Souvenirs*, e nas suas macabras e neurasthenicas

Histoires de Masques — que a gente não póde lêr sem sensaçoens de agonia e de pavôr, sem vêr surgir, na nossa frente, enlouquecidas de angustia, faces enygmaticas, ou nesse nevrotico e diabolico *Buveurs d'âmes* que nos adormece como fumo de opio, e nos tenta como a seducção maga do Ether...

Mas eu quero dar a estas cartas o tom leve das impressoens leves, e não o aspecto pesado dos ensaios criticos. Por aqui me fico, pois, tendo recordado as horas de infinito encantamento que me têm provocado — Gustave Moreau, o pintor de Jean Lorrain, e Jean Lorrain, o poeta de Gustave Moreau.

V

Amigo: — Uma das minhas mais agradaveis impressoens é a que sinto quando, em pleno dia, fecho as janellas completamente e, á luz artificial, vivo e escrevo. Assim, nesta hora em que o meo espirito communica com o teo, creio que lá fóra o sol é abrazador e brutal, e a luz é fustigante e má. E, no entretanto, á minha volta, domina a sombra, porque eu fiz a noite á minha volta, apenas quebrada pela dòce luz das velas... Lá fóra passa a vida que não me interessa, a vida natural e vulgar, sem nada de singular a quebrar-lhe a vulgaridade, sem nada de artificial a desmanchar-lhe a monotonia. Realmente, só é bella a vida que nós creamos, a vida que a nossa phantasia ou a nossa loucura, a nossa birra ou a nossa ancia de novo edificam e dirigem. Só tem

interesse o que é obra nossa, o que sai do nosso espirito e do nosso gosto, da nossa vontade e da nossa predilecção. É por isso que eu só admitto duas especies de homens: a dos creadores de Belleza e a dos gozadores de Belleza. O resto, a multidão dos incapazes de crear Belleza e dos faltos de gosto para a gozarem, isso é a Plebe abominavel, materialona e grosseira, que não pesa na vida espiritual, e não conta na vida superior. É por isso que eu encontro um sabor delicado e exquisito no artificio, e detesto a monotona correnteza do natural. Dahi, a vulgaridade e a banalidade da Realidade, e a grandeza e o interesse da Ficção. Dahi, a *gaucherie* da Verdade, e a elegancia da Mentira.

A Noite é superior á luz do Dia, porque a Noite é povoada de sombras, e as sombras são o que o nosso espirito lhes attribue. E mais bella do que a Noite, e mais bella do que o Dia, é a hora indecisa do crepusculo em que tudo é vago, impreciso, instavel, fluctuante, como se a alma do tempo, ao soffrer as visiveis e apreciaveis gradaçoens da

luz, se introduzisse nas almas das Coisas, das Linhas, das Sombras e dos Aspectos, e, constantemente, as modificasse e impressionasse. Ora a Vida se tem encantos, é pelo que muda, não é pelo que se estabilisa. A payzagem do mar é infinitamente superior á payzagem da terra, pela sua perpetua transformação... E se os nossos olhos tivèrem capacidade para vèrem, em momentos differentes, bem differentemente o que analysam, são olhos bellos e superiores. Vêr o mesmo quadro sempre com os mesmos olhos, vêr a mesma mulher, sempre com o mesmo amor, lêr o mesmo livro, sempre com a mesma impressão — é hediondo de burguezismo. Encontrar, sempre, sensaçoens novas — no mesmo corpo que se ama e se beija, na mesma symphonia que se escuta, ou na mesma mancha de côr que se analysa — isso sim, isso é symptoma manifesto de um esthetismo culto. E bem inferiores são os labios que não conseguem dar novas sensaçoens aos labios que os beijam, bem imperfeitas as côres que não sabem dar novas impressoens aos olhos que as vêem, e bem

banais as symphonias que não realizam novos sonhos nas almas que as interrogam. Que sejam sempre sensaçoens de Belleza ou de gosto — mas sempre de uma belleza differentemente nuançada, e sempre de um gosto diversamente colorido... O mel doirado que eu, gulosamente, saboreio, para que os meos labios amargos de desdem, esqueçam, na doçura do mel, a amargura do meo tedio, dá-me sempre differentes impressoens, e provoca-me sempre sensaçoens diversas.

As joias recamadas de pedrarias, por isso mesmo que as facetas das pedras teem sempre lampejos nobres; os olhos verdes, cuja côr reflecte a mutação permanente da luz; os crystais e as faces espelhentas dos lagos — eis outros tantos exemplos do que encanta superiormente os olhos dos artistas, pela multiplicidade de emoçoens que provocam. Ora a Arte é tanto mais arte quanto maior é a sua capacidade emocional, e esta é tanto maior quanto maior fôr o numero dos aspectos sob que a obra de Arte possa ser enca-

rada, e quanto mais indecizo fôr o symbolismo que entrou na sua gestação e na sua exteriorisação. A Muzica é a deoza das Artes, porque é de todas a mais symbólica, a mais imprecisa nas suas linhas e a mais differentemente sentida. A Esculptura é a peior das Artes, porque é a que possue menor capacidade emocional. A côr e o som revelam-se-nos as duas grandes fontes de impressoens — e de tal ordem que a Poezia que transmitta, com as sensaçoens muzicais, sensaçoens chromaticas (como alguns versos de Mallarmé, de Baudelaire, de Verlaine, de Roddenbach, de Anto, de Maeterlinck, de Eugenio e de Junqueiro — este, no *Simples*.) essa é a mais artistica. E da mesma sorte, a Pintura que nos dê tambem sensaçoens muzicais (como algumas telas de Chavannes, de Moreau, de Rossetti, de Milais, de Watts) — essa é a mais elevada. Na Muzica, o Som e a Côr entrelaçam-se, não me sendo possivel ouvir trecho muzical algum, sem que immediatamente veja deante dos meos olhos paysagens — brumo-

sas, como em Beethoven, brancas como, algumas vezes, em Wagner, anemicas de desbotamento, como nalgumas paginas de Debussy, fortes de côr afogueada como em alguma coisa de Strauss, imprecizas e irreais, como em Bach... Por isso, costumo dizer que todas as manifestaçoens artisticas são tanto mais artisticas quanto mais muzicais se nos revelam. A Muzica é tudo: na prosa e no verso, na linha e na côr. Ora é na muzica que se póde juntar maior numero de elementos de Ficção — e por isso a muzica é tanto mais bella quanto menos descriptiva fôr de materialidades.

Ha duas maneiras de descrever uma tempestade: descrevendo a *impressão* que sentimos deante da furia dos elementos naturais, ou descrevendo o ruido do trovão, da chuva que cai torrencial, do vento que sopra, dementado.

Esta segunda maneira tem muito pouco de artistica — pois que é a reproducção do que é exterior ao artista; mas a primeira, que representa a creação interna, o estado subjectivo do artista, essa, sim. Se eu des-

crevo, dum quadro, não o que *vejo* e *da maneira* como o vejo, mas o que *olho* e o que lá está — não faço obra de arte: faço obra de photographo ou de reporter, de engenheiro ou de mercador. Mas se eu conto as sensaçoens que a sua visão me deo, os sonhos que a sua contemplação me fez evocar, a vida interior que elle me provocou, e se o conto de modo a despertar em quem me lê emoçoens, não digo eguais, mas da mesma natureza das minhas — eu faço obra de artista. O artista não descreve realidades objectivas, materiais. Quando muito, póde descrever realidades subjectivas, interiores, incontrolaveis. Mas quando elle é verdadeiramente artista, exhibe um mundo interior que creou — em que tudo é ficticio. Se as verdades são as deozas da Sciencia, e sem duvida o são, as deozas da Arte são as mentiras.

Arte quer dizer — mentir bellamente. Não sei dar a definição da mentira bella. Mas sei o que é, porque sinto o que é. Mesmo se eu pudesse definil-a, enfraque-

cia-a, degradava-a, decompunha-a, tirava-lhe o encanto, a sua qualidade especifica. A Belleza é belleza, por isso mesmo que é indefinivel.

No dia em que se encontrar a definição da Belleza, passa ella a ser uma coisa feia: morre. Definir é limitar, é corporisar. E a Arte, visto que é Arte, é imprecisa, vaga, immaterial. A Arte, possivel de definir-se, passa á cathegoria das vulgaridades, fica pertencendo a toda a gente e ao alcance de toda a gente. O que constitue a sua grandeza é precisamente o só poder ser servida, amada e comprehendida por alguns, por aquelles raros a que Ruben Darío consagrou paginas enthusiasmadas e ardentes.

Comprehendes tu agora, meo Amigo, o melancholico desdem com que vejo o meo D'Annunzio, auctor da *Gioconda* e das *Virgens dos Rochedos*, do *Prazer* e do *Fogo*, descer até á Plebe amotinada, á busca do seo applauso e, para lhe captar as almas, assignar-se — tenente Gabriele D'Annunzio!

Mas é assumpto para outra carta.

VI

Meo bello amigo: — Ardiam, nos seos braços de prata longamente recurvos como colos de sereias, as minhas velas vermelhas — almas de purpura purificando-se na chamma, e espalhando á sua volta tonalidades mysteriozas, quando me entregaram a tua carta, saudoza e longinqua, em que me perguntavas quais os meos projectos para o verão deste anno.

Os meos projectos são luminozos e ardentes. Este anno, proponho-me uma saturnal de Mar. Fascina-me a embriaguez dos grandes horisontes maritimos, cheios de vago e de infinito, de uma serenidade que esmaga, e de uma solidão que exalta.

O anno passado, passei o meo verão, como sabes, na tranquilla penumbra de um salão meio capella e meio estufa, entre

almofadas de *duvet*, molles e sensuais, deixando morrer amorosamente os meos olhos nas linhas doces das jarras de prata, nos perfis gelados dos camapheos, e nas côres indecizas das pedras preciozas... Assim passei o meo verão, folheando livros de gravuras, e esmagando, nos meos dedos indolentes, rozas de Hollanda, singularmente aveludadas. Cultivei o meo tedio, e alimentei as minhas lagrimas de aborrecido, sonhando as mais irrealisaveis chimeras, e imaginando os mais deslumbrantes, os mais extraordinarios triumphos do meo Desdem...

Este anno, o meo projecto é outro. Sonho o mar. Eu adoro o mar. Nado e creado no interior da Provincia, no meio daquelle jardim risonho e moço a que chamamos o Minho, ainda menino, eu fugia para os pincaros dos montes a querer encontrar, lá longe, na curva diluida do ceo, a linha movediça das agoas. Todos os annos, pelo verão, ia passar dois mezes junto do mar. E quando pude, e emquanto pude, para junto do mar fui viver, e vivi.

Ora ha trez annos que só o vejo de fujida. Ando com saudade do mar...

O mar nunca nos dá o que queremos, e sempre nos dá o que não esperamos delle. É o imprevisto, é o inedito, é o instavel. Á beira-mar, até perdôo o sol. Á beira-mar, até desculpo a luz crúa, forte e viva. Á beira-mar, só o mar existe. Mar de bruma, envolto em mysterio como os sonhos que me fascinam; mar claro como a face de um espelho polido sobre que incida a luz do sol; mar crepuscular, esfumando-se e resolvendo-se em coloraçoens magicas e celestes; mar de noite de tempestade, rugindo em coleras de deos, e sacudindo-se em imprecaçoens demoniacas; mar de noite de lua, phosphorescente e tentador; — o mar é sempre bello, porque é a fonte eterna do imprevisto, do inedito, do instavel.

Mar de Wagner, no *Navio Phantasma*, ou mar de Beethoven, no *Clair de Lune*, — é sempre o mar dos meos encantos, alma da Chimera que me enamora, imagem da Ficção que me perturba...

Gosto de ir, ás horas magoadas e roxas do poente, sentar-me á beira-mar, deixando os meos olhos, como descuidados e innocentes meninos, entristecer na contemplação da grande esmeralda liquida, e assistindo ao exaltamento do meo sonho interior, onde ha requintes de pervertidas decadencias e mysterios fascinadores. As gradaçoens da luz reflectindo-se na superficie das agoas, inspiram-me phantasias picturais, e sugerem-me doentias payzagens — como se em vez de me encontrar, na praia, real e vivo, eu tivesse subido nas ondas vagas de um perfume calido, para as regioens do sonho e do pezadello, entre orchestras de violinos e de harpas murmurando sussurros, e desmaiando em suspiros...

Tu sabes, meo amigo, que eu não sou um forte, isto a que se chama vulgarmente um homem forte — musculos de luctador, corpo duro de toireiro, alma de carrasco. Tudo em mim é lasso e fragil, como convem a quem faz a vida de contemplação beatifica que eu faço, amando as flôres doentes e magras, timidas e estereis, ado-

rando as côres esbatidas e melancholicas, amando as sombras e as brumas... Assim o mar, com a sua força e a sua grandeza, atrai-me, como a luz que queima atrai as azas imponderaveis da borboleta, e a vastidão tremenda de um abysmo atrai um espirito cançado e feminino.

Sempre foi meo sonho (ay de mim! sonho eterno, e bello, porque irrealisavel!), sempre foi meo sonho ter um Palacio sobre o mar, sobre as ondas constantemente movediças, constantemente inquietas.

Delle se desceria, por largas escadarias de marmore, para o mar. Largos terraços de marmore verde dariam sobre o mar.

E eu, para sempre liberto das turbas que me irritam, esquecido da Fama egualitaria e ingrata, passaria os meos dias, gastaria os meos annos, passeiando o meo tedio pelos longos corredores silenciozos do meo Palacio, ou pelas ruas amoraveis e quietas dos meos parques estendidos pela beira do mar, beijados pela espuma do mar. De noite, as sereias viriam, formozas e provocantes, tentar-me os desejos de amor, com

seos cantos de peccado, lindas e tremulas como os seos seios brincando á flor da agoa... E quando eu morresse, em vez de ir para a ignobil decomposição da terra, ou para o bafiento isolamento de um mauzoleo, eu iria para o fundo do mar, entre conchas caprichozas e rozadas, no meio de uma flora exotica interessante, na eterna baldeação das ondas, no eterno abraço frio das agoas, tão apertado, tão firme e tão ardente, como o abraço de um corpo amado que nos ama tambem.

Proponho-me, este anno, uma embriaguez de mar. Quero embebedar meos olhos com mar, com a côr esmeraldina do mar, com o eterno ineditismo do mar! Quero adormecer os meos ouvidos com o sussurro monotono das vagas, com aquelle ruido tão caracteristico das ondas, esfarfalhando-se em espuma, branca como a tua alma, e futil como os meos desejos. .

Ando farto da payzagem da terra, com choupos e pinheirais, salgueiros e eucalyptos. Embaraçam-me os limitados horizontes da terra, e maça-me ter de subir

grandes encostas, para, de cima dos altos montes, me defrontar com o infinito. Quero mar, — e a sua orchestração. Quero mar, — e a gamma das suas côres. Quero mar, — e o mysterio das suas fallas!

Quero que as minhas pupillas se dilatem, na tentativa de abrangerem totalmente a distancia. Quero que os meos nervos se hyperesthesiem, na seducção da grande chimera liquida. Quero que a minha neurasthenia se subtilise, se ultra-refine, no desejo espicaçado e insatisfeito da posse de toda a Belleza que o mar me faz evocar. Este anno, meo Amigo, vou para o mar. Poucos livros, poucas relaçoens, poucas canceiras.

Prometeste-me os teos galgos — aquelles lindos galgos brancos, de longo pello anelado, que o anno passado nasceram. Irei com elles, passeiar com elles, á beira mar, suppondo-me, de vez em quando, senhor d'elles e do mar.

Os galgos encantam-me porque são bellos e são mudos. A sua elegancia, feita de linhas finas, prende-me os olhos e a graça. Com elles, á beira-mar, eu hei de lêr

muitas daquellas paginas de Remy de Gourmont — *Litanies de la Rose*, e hei-de sonhar os lindos sonhos do meo Sonho, em cuja contemplação eu encontro a compensação das minhas magoas e das minhas decepçoens...

Adeos.

VII

My dear: — Num jarrão de prata, nesta meza de torneados antigos, e nesta atmosphera de um Passado que só volta em carinhozas e amigas evocaçoens, as ultimas rosas deste anno deixam cahir mollemente as suas folhas de um côr de roza palido, desbotado, anemico, como a minha alma cançada e aborrecida. É de prata o candelabro de trez velas que me alumia. Os seos trez braços fazem lembrar corpos coleantes de serpentes, ondulando vagamente, vagamente, vagamente...

E eu fechei-me, nesta atmosphera calma de um Passado que só as amigas evocaçoens animam, ante contadores de trez seculos, e pratas foscas e lavradas, para te escrever esta carta, mandada desta terra em que me encontro, terra de evocaçoens

e de sombras, tortuoza e acanhada, adoravel e medieval.

Saio, ás vezes, á noite, e atravesso-lhe as ruelas e as calçadas, na doentia evocação do que foi, do que viveo, do que brilhou... E os meos nervos que a civilisação torna agudos, sentem-se bem nesta vida que levo — vida de cela conventual, passada entre sombras, vivida longe do sol, vida de estufa, roçando damascos de um doce vermelho escuro, e veludos leves, e almofadas fôfas como espuma.

Sinto-me principe da Indolencia, tão longe da Barbaria que nem a oiço, e chego quasi a esquecel-a. Estou fazendo a minha cura de abandono. Todos, por essa terra fóra, em praias e thermas, andam aos encontroens da vida, na mescla plebeia dos hoteis e dos casinos, na promiscuidade repugnante das mezas de jantar e das mezas de café. Acompanha-os ainda o bafo pestifero da politica trazido nos braços das opinioens insalubres do grande publico, ou das imposiçoens mal-creadas do Povo Soberano.

Eu faço a minha cura de abandono.

Só vejo o sol, ás ultimas horas da tarde, quando elle, lá longe, na linha ondulada da montanha, pallidamente desmaia. Faço vida de estufa, longe do ruido, da agitação, da vida febril e industrial, do acotovelamento humano — entre flôres cahindo melancholicamente em jarros de prata, e velas ondulando rythmicamente em candelabros de prata lavrada. As janellas cerradas e occultas sob pesadas cortinas — os meos olhos habituaram-se á sombra, ao crepusculo, e entre crepusculos me levanto, entre crepusculos arrasto o meo tedio, e entre crepusculos adormeço. O relogio que me marca a vida diz-me que são 4 horas da tarde, neste momento em que te escrevo. Não mo dissesse elle — e eu não faria a mais pequena ideia das horas que são, tão enygmatica a atmosphera de sombra em que vivo... Trouxe livros: philosophos e poetas, criticos e artistas. Mas apenas tenho deixado errar meos olhos pelas prosas de Wagner — pois me consagrei a reler, com amor, as *Sonatas* de Valle-Inclan.

A *Sonata de Outomno* só pode ser lida, só deve ser lida, assim, entre sombras, á luz artificial, numa atmosphera de estufa, — talvez doente, mas com certeza bella...

Valle-Inclan é o maior artista da proza hespanhola contemporanea. A sua proza não tem arestas nem esquinas: é feita de linhas que ondulam como as vagas leves dos lagos quando os perturba o cahir das folhas das rozas. Ler alto os seos livros das *Sonatas* é cantar uma doce muzica de carinhos embaladores e dormentes, baloiçando-se como gondolas abandonadas... No Olympo artistico da Hespanha — são maximos deozes, El-Greco, Gongora e Valle-Inclan. Devem ser lidos, devem ser vistos — para serem amados, como eu os leio, e como eu os vejo: acima dos barbaros, longe do ruido, nesta penumbra entre a Vida e a Morte, de alma recolhida, como no momento supremo da Communhão...

A Arte, para ser amada, tem de ser vista assim. É por isso que não posso amar os quadros nos Muzeos e os livros nas Bibliothecas. A catalogação, a buro-

cratisação, a luz estupida, o cicerone estupido, o verbete estupido, a meza estupida, aquella classica estupidez dos muzeos e das bibliothecas tira-me o senso artistico e o senso critico. Quadros que todos vejam, deante de todos; livros que todos leiam, deante de todos, muzicas que todos oiçam, deante de todos — são abominaveis como aquellas mulheres que são de todos, deante de todos....

Ler bem, ouvir bem, vêr bem — para amar bem, só quando se lê só, se ouve só e se vê só.

A Burocracia na Arte é a ferrugem numa lamina de aço.

Ir a um muzeo para vêr um quadro ou vèr uma joia, analyzar uma estatua ou encantar meos olhos numa illuminura — e não poder dar-me todo, entregar-me todo, ao quadro ou á estatua, á illuminura ou á joia, porque, atraz de mim, o guarda passeia, ou quer informar-me, ou vem dizer-me que ha mais gente que quer vèr, ou porque essa mais gente se junta a mim e traz o seu bafo até mim, e me dis-

trai e me embaraça e me incommoda — é horrendo, é insuportavel! As grandes emoçoens estheticas não se teem entre a multidão, ou ouvindo-se as tolices consagradamente officiais dos cicerones. Muitas vezes, mais vale, pois, a impressão que nos dá uma reprodução bem feita, do que a que procuramos encontrar na contemplação irregular e sobresaltada do original. Ler um livro na Bibliotheca ou ouvir uma symphonia num theatro é a mesma abominavel situação.

Que os outros vejam, leiam ou oiçam, vá! — longe de mim. Mas que eu veja, leia, ou oiça — longe delles.

A emoção artistica sente-se tanto mais intensamente, quanto mais isolado se está. Em multidão, em carneirada, em rebanho, pode ouvir-se um orador politico: mas não se sente uma impressão esthetica.

Por isso eu vivo em crepusculos. Tudo se apaga, tudo se dissolve, tudo esmaece. E fico eu só, só com o meo espirito, só com os meos nervos, na contemplação concentrada da linha ou da côr, do som ou da

forma — como se deve estar quando se contempla uma obra de Arte, ou se bebe, a golos lentos, a belleza da mulher amada...

Verdadeiramente, meo lord, eu queria as obras de Arte só para mim e para os que fossem como eu e como tu. Não é agradavel ver e amar uma tela que os olhos dos barbaros já mancharam, como é repugnante beijar uma bocca que labios plebeos tivessem possuido. Mas emfim, o vicio egualitario franqueou as portas dos muzeos á Plebe, e a falta de requinte artistico leva os Artistas a exporem as suas obras aos olhos da multidão.

Paciencia.

Mas ao menos que nos fosse licito fechar a sala, para que ficassemos sós, sem que os passos do guarda nos incommodassem ou o ruido do proximo nos perturbasse no nosso sonho...

Por isso eu busco a sombra, e amo o crepusculo, e faço esta vida de estufa, sem sol, sem ruido, sem agitação, — principe da Indolencia fazendo sua cura de abandono. Não me obrigassem as necessidades da vida

ao convivio com o sol, e eu mergulharia para sempre, na sombra, habituando-me ao convivio das estrellas e do crepusculo.

Experimenta, Amigo. E vê como é muito mais lindo, mais enternecedor, mais suggestivo o *Sonho de Dante* de Rossetti, visto á luz ondulante e côr das rozas sem côr destas trez velas deste candelabro de prata lavrada — do que observado á luz do sol!

VIII

QUERIDISSIMO amigo: — Nove horas da manhã.

A caminho de Villa Viçosa, num *Brazier* possante, sob o detestavel sol glorioso dos herois. Vou ao lado do *chauffeur*, para me sentir bem senhor da distancia e me embalar na vertigem da rapidez. O arfar dos pulmoens da machina symboliza força victoriosa. O *chauffeur*, um *chauffeur* ideal: o carro nas suas mãos é um brinquedo nas mãos de uma creança; e elle é mudo, discreto. Posso concentrar o espirito, posso pensar, — que elle não me interrompe, nem me preoccupa. Vamos a toda a velocidade possivel. Passam, rapidos, ondulantes, campos de trigo e rebanhos de ovelhas.

Á nossa direita, as ruinas de Sempre Noiva, com suas janellas de marmore la-

vrado, e a sua lenda de tristes amores. No ceo azul passa, batendo lentamente as azas negras, o corvo de Poe, proclamando pelo espaço o seu tragico *refrain* que tem para mim a encantadora significação da eterna immobilidade...

Lento, o corvo, batido do sol, afasta-se.

E nós voamos pela estrada poeirenta e só. Á nossa esquerda, fica-nos Arrayolos. E eu fecho os olhos e sonho tapeçarias.

E na payzagem deliciosa em que o meo espirito erra, quando os meos olhos se fecham, passam tapetes raros e bellos. Tapetes arabes de Dabik e de Damasco, como aquelle que Moez-li-din-Allah mandou fazer, de seda, prata e oiro, e representando a terra e as montanhas, os rios e as cidades. Tapetes flamengos de Vermeyen e Van Aelst, do seculo XVI, e pannos de Arrás, do seculo XV, como aquelle *Jardim do Amor*, de complicadas côres, ou o da *Dama do Licornio*, gracioso e leve. Tapetes florentinos do seculo XVII, e Gobelins preciozos, cheios de phantasia e elegancia.

É um mundo de tapeçarias brilhantes

e formozas, o mundo em que vou, — emquanto o carro vôa sobre a estrada poeirenta, e deserta, agora. E abro os olhos. Terras revoltas, sanguineas. No fundo da estrada, um vulto desmanchado de camponez passa. E o automovel para: uma camara de ar que rebentou. Surgem da sombra de uns sobreiros, trez pastorinhos sujos. Dão-lhes bolachas e uma moeda de cobre. Os pastorinhos beijam as bolachas e as moedas. Vê-se que estão atrazados, e ainda nutrem sentimentos: ainda não chegou ás suas almas a independencia do livre-pensamento...

A caminho.

A velocidade volta. E avançamos, galgamos kilometros.

Vimieiro: banal.

Para diante. Bruscamente, a payzagem muda. Serras, e mais fresca a vegetação. Faz lembrar, um pouco, a Beira. Longe, muito longe, perfis ondulados de serras. Um pouco á direita, agora, a linha do Castello de Evora Monte, desenhada no ceo azul. E mais longe, para a esquerda,

quasi apagados os recortes do Castello de Extremoz, tocando o azul do ceo. Passam kilometros. Evoco scenas da historia: guerras, combates, assedios, convençoens. ... E passam kilometros. A machina arfa com violencia. A terra é mais de sangue. De repente, duas longas filas de eucalyptos altos e magros, marcham em procissão somnambula na minha frente.

Extremoz. Entrada de fortaleza antiga, com suas armas seculares, cheias de tradição. E agora numa somnolencia tepida, passam deante dos meos olhos cerrados, vasos gregos e etruscos, porcelanas e faianças, Sèvres e Della Robbia, Lindos e Veneza, Brument e Conrad. A polychromia dos esmaltes, a complicação dos desenhos, a multiformidade das linhas dão-me a essa payzagem bizarra, encantos imprevistos.

E kilometros passam, mais lentos, agora, porque a estrada está horrivel.

Borba, heraldica e solarenga, abre-se-nos ao meio.

E de novo a estrada, agora mais suja e sombria.

Uma porta com as armas portuguezas. O automovel passa. Um largo e um palacio.

Estou em Villa Viçosa, no paço da Casa de Bragança. A memoria, tumultuariamente. exibe-me tragedias passadas, farrapos de acontecimentos, sacudidos como se os agitasse um vento ruim.

Passo pelos saloens, pelos aposentos, pelos andares. Em cima de uma meza, um livro com uma divisa amarga: — *nul bien sans peine*. A sala de S. M. El-Rei D. Manoel: retratos de pessoas de familia dando um ar de simplicidade intima ao ambiente luxuoso. Na sala dos retratos, um Columbano admiravel. Passo rapidamente, que a tristeza vence-me, quando penso que um senhor da casa, della sahio, uma tarde de inverno, ao encontro da morte, e da peor morte que um homem pode ter: á traição. Deshabitado, o palacio não tem o aspecto dos palacios deshabitados. Tem a gente a impressão de que os senhores sahiram ha pouco, para voltarem daqui a pouco. O palacio não é muzeo. A arrumação dos moveis não é a arrumação catalogada, fria e recti-

*

linea dos moveis de muzeo. As cadeiras estão como se alguem se tivesse sentado nellas, ha instantes. Ha esperança, naquelle ambiente mudo...

Um retrato da Duse... Perfil augusto da mais triste mulher que veio ao mundo...

Os aposentos da Senhora D. Amelia. Simplicidade. Um leque de crystal offerecido pelas alumnas do Conservatorio. Dois retratos de D. Luiz e de D. Maria Pia. Photographias dos filhos. do marido...

Livros modernos, francezes. Quiz folheal-os. Não tive coragem: folhear um livro de outrem, é muitas vezes lêr um pouco da sua alma, surprehender sentimentos: A capella: clara, agradavel. O salão de jantar: um tapete persa enorme, tapetes de Arrayollos, pequenos.

Restos do palacio: aposentos de convidados. Numa sala, o retrato de D. Carlos, de generalissimo, muito conhecido. No segundo plano, figuras ainda de hoje, uma dellas alta personalidade do regimen republicano.

E saio. Já agora — o pantheon dos Du-

ques de Bragança deve ser visto: egreja fria, cheia de luz. Os tumulos simples, em marmore, eguais. Leio as inscripções: nem elogios, nem adjectivos: o nome, a filiação.

Villa Viçosa está vista. Cahe a tarde. O automovel arranca. Passam kilometros, passam legoas. Eu entro no meo sonho, quasi insensivelmente. Chega a minha hora, pouco a pouco: a hora do crepusculo. E num mundo infinito de evocaçoens, não dou pela noite que avança, nem me sinto avançar na noite. Venho ebrio de belleza e de Passado. Os contadores e as arcas, os coxins e os cadeiroens, os tapetes e as poltronas, os armarios e os tectos encantaram-me os olhos, e empolgaram-me os sentidos. Deve ser lindo, aquelle palacio, de noite — povoado pela nossa imaginação, postos a viver nelle todos os que nelle teem vivido, todos os que por elle, com direito, teem passado, e deixaram ficar na dobra dos livros, no afastamento de uma cadeira, na approximação de um espelho, o signal da sua existencia e da sua vontade.

O automovel galga imperturbavel. E

eu lembro aquelle pobre arbitro das elegancias de quem Barbey d'Aurevilly conta amoravelmente e elegantemente a vida — o qual inteiramente poderia realisar seo sonho de louco naquelles saloens deshabitados mas vivos, donde, um dia de inverno doce, o seo penultimo senhor sahio, confiante na Vida, para a Morte traiçoeira...

IX

Fraternal amigo: — A primeira vez que a vi, fui encontral-a toda de branco, sapatos brancos com fivelas de pedras brancas, meias brancas, vestido branco de rendas brancas, coroada de cabellos fulvos, com lampejos metalicos e frios, e, nas mãos, esmeraldas, as esmeraldas da minha obsessão doentia, e ao peito, suspensa de um fio de perolas, uma esmeralda ainda, sombria, mysterioza. Recebeo-me com indolencia, e com frieza elegante. No seo fogão, dançavam pequenas labaredas inquietas, em que os meos olhos se iam, aborrecidos e nostalgicos. E ella, magra e branca, fumava com leve volupia, debeis cigarros de tabaco da côr do oiro. Nas repetidas visitas que lhe fiz, fui percebendo, pouco a pouco, a singularidade do seo espirito, a vibratilidade dos seos nervos, a delicada maneira

dos seos gestos, a encantadora tendencia das suas predilecçoens. Não tinha, deante de mim, aquelle detestavel exemplar do bas-bleuismo nosso contemporanio — macaqueaçoens gôches das preciozas de Rambouillet. Não era uma mulher literata, não era uma mulher escriptora, não era uma mulher cheia de cabotinismo e vaidade, querendo captivar-nos pela doçura da voz e do gesto ou pela ternura estudada do olhar. Não! Era simplesmente, naturalmente, uma mulher artista. Sem logares communs, sem expressoens banais, a sua lingoagem, cheia de facetas pessoais e impressionantes, prendeo-me, pouco a pouco, a atenção. Eu que tão difficilmente reparo no que me cerca, por este excesso de egotismo de que alimento o meo orgulho, e sem o qual, eu não poderia viver no meio gafado, egualitario, mediocre que é a nossa vida contemporania; eu que tãó pouco gosto de ouvir, tão necessario acho ouvir-me primeiro e sempre, — eu fui reparando nessa creatura rara que me fallava sem outras preocupaçoens que não fossem as de não ser banal,

de não ser ridicula, e fui-me convencendo de que o meo tempo, se era esteril em estadistas e homens de juizo, não era tão avaro que me não premiasse com a extranha organisação de artista dessa senhora.

Uma noite, leo-me, e a algumas pessoas mais, a sua peça — uma pequenina comedia cheia de leveza, onde o seo espirito passava em promessas superiores. Não foi plenamente boa a impressão com que fiquei dessa audição, — primeiro, porque não gosto de ouvir feito em turba, depois porque o lugar em que me encontrava não me permitia seguir correntemente o recitativo. Pareceo-me, talvez, um pouco declamatoria, a peça, e as manchas de lindas cores não se me tinham revelado com precisão.

A comedia foi á scena. E eu pude assistir á realisação do sonho da Artista, porque foi o seo gosto que decorou o ambiente, e foi ella — mesma que passou, agitada e febril, cantando as phrases com paixão e intelligencia, e dando-nos a delicioza illuzão de um meio novo, e de pessoas novas...

A leitura da comedia que fiz, no dia

seguinte, desfez-me a impressão que eu sentira primeiro, e assegurou-me a certeza de que conhecia Alguem.

A sua amizade, mais tarde, pôz ante os meos olhos algumas paginas arrancadas ao seo livro de impressoens, das quais te vou transcrever certas passagens caracteristicas, por si só sufficientes para darem a quem as concebeo e escreveo, a cathegoria de — a maior artista portugueza da minha geração.

A sua phrase é cuidada, trabalhada, cinzelada, se não no acto proprio de ser lançada ao papel, — lentamente, na inconsciencia em que o nosso espirito culto aproveita as licçoens recebidas das leituras e das meditaçoens, do que vê e do que ouve.

Abro o livro das impressoens, e numa das paginas, illustrada, a um lado, com os cyprestes de San Miniato, em Florença, e a outro lado, com o encontro de Dante e Beatriz, esta

«benignamente d'umiltà vestuta»,

encontro isto:

«*Foi hontem á sombra dos cyprestes serenos, fusiformes, ponteagudos como mãos postas, á sombra dos meus queridos cyprestes de S. Miniato al Monte, que li pela primeira vez estes versos. Embora tardasse, digno foi porem o livro de tal demora, para que em minhas mãos fosse elle primeiro aberto, num tal momento, num tal sitio e numa tal hora... Saboreei, pois, longamente a fluida harmonia desses versos, mixto de nihilismo dolente e de nevrose anciada por torturadas aspirações. Gostei da formosura das suas imagens, da frescura das suas rimas, gostei do seu riso plangente, do seu decadentismo sentimentalista, da bizarria da sua inspiração, do seu Pierrot que chasqueia, subtil e sceptico, com lagrimas por detraz do riso e do* loup... *Gostei delles, e de os lêr em S. Miniato, gostei da sua muza e de a ouvir ao pôr do sol por entre os cyprestes e as laranjeiras em flôr, gostei de tudo quanto este livro me acorda e me faz evocar — emquanto olhava para a fita azul do Arno, onde perpassam as sombras da Mona Lisa e de Beatrice, e emquanto no sonho perfumado de Florença florida, me*

emballaram os trilos soluçantes dos sinos de Santa Maria del Fiore!»

Os versos a que a Artista se refere são os versos daquelle poeta italiano que te mostrei ha dias — em que apparecem cantadas em dolentes estrophes de rythmos raros, as magoadas illuzoens e as morbidas obsessoens de um espirito eternamente insatisfeito...

Sobre o mesmo poeta, datadas ainda de Florença, estas palavras extranhamente orchestradas:

«*Gostei, saboreei profusa e complexamente as cadencias deste soneto, ainda com tepidas exalações de melancholia. Sentem-se aromas penetrantes nesses versos de uma beatitude lenta e mysteriosa como um buddhismo em harmonia e perfume de onde se evola um sentimento impenetravel de uma impenetravel saudade... Qual?...?... Sonho em cinzas crepusculares, á beira de um lago côr de violeta que é a eterna miragem das almas vagabundas e nostalgicas...*»

Datadas de Lisboa, estas palavras:

«*Já estava longe, bem longe, de Paris,*

dos Barbarismos (assim lhes chama alguem) de Gustave Moreau, do ambito barbaro da divina Babylonia moderna, longe da esphera de luz e de Arte, quando esta manhã recebi uma carta fallando-me de Jean Lorrain, de G. Moreau, e inquirindo da saude do meu espirito. Enternecidamente teria agradecido e respondido a essa carta, se ella me fosse entregue em Paris, e aberta debaixo da sombra glauca das tilias de qualquer boulevard, *como era destinada; e dando noticias da saude do meu espirito, escreveria dizendo que passava leve, robusta, explendida, cheia de seiva e de inspiração, naquelle ambiente fertil de espirito e de bom gosto.*

Mas... de Lisboa!... Como responder e que noticias dar dessa saude que nas hypnoticas trevas deste torrão parece empoeirar-se, ankylosar-se, e embaranhar-se em teias de aranha, que o Canon... abençôa por poderem vir de Affonso Henriques ou de qualquer Urraca que o diabo trouxe e levou?!...

Se eu estivesse na terra «des pourritures splendides», como escreveu Jean Lorrain, tinha respondido com certeza coisas cheias de

realidade e de fé. Por lá, o engodo pelos byzantinismos complicados que sopra a nevroze moderna, desappareceu. E eu de lá contaria aspectos de Gustave Moreau — sempre meu pintor predilecto — mas com uma vizão bem differente da que se adapta e se enrola a mim em Lisboa. A obra de Gustave Moreau na sua mansão da Rue Blanche é apenas um motivo de peregrinação artistica, e não se encontra já lá o suggestivo precursor dos transcendentes decadentismos. E effectivamente eu lá sinto-me, como toda a bella França, «défroquée» das minhas bizarrias psychologicas, ou das minhas pieguices pathologicas.

Mas em Lisboa?!... Em Lisboa, deliquifez-se todo o meu vigor espiritual, com este sol, este vento tumultuario, com a leitura do «Diario de Noticias», com os cheiros a perfumaria barata das ruas da Baixa, com as conversas profundas de banalidade dos meus conterraneos, com o mau gosto das mulheres, e das casas das avenidas novas, com tudo isto, e, por fim, ainda, com as luzes cálidas, perturbadoras, corruptoras do meu Tejo, que me innunda a vista desde que me levanto; e assim,

sinto-me decahir, decahir, decahir, para o mal, para as complexas ficções da Arte, para a nostalgia da muzica de Strawinski, para a fascinação hypnotica, morphinisada das gemmas e camapheus de G. Moreau, poeta dos rubis, das esmeraldas e das saphiras. E beijando essas pedrarias rutilantes, que eu adoro, fascinada por esta hora tremula da tarde, em agonia, cheia de colorações roxas, e de claridades ambiguas, escrevo perfeitamente ás avessas do que escreveria de Paris,... por birra, por desespero, por nostalgia talvez das «pourritures splendides», por ferocidade contra este ambiente de «caricatures sordides...»

Não acabaste de lêr uma obra-prima de elegante ironia e de suaves e melancholicas evocaçoens? Mas folheemos ainda, e vejamos o que, datado de Cintra, podemos reproduzir:

«*Tenho estado em Cintra, a tratar da minha tysica recalcitrante que se suavisa nesta sombra de cedros e de castanheiros, e adóça na bruma avelludada da montanha, por onde faço caminhadas solitarias, deliciando-me de solitude e de bruma, do inde-*

cizo da hora e da luz. E eu que adoro a cinza, o fumo, a neroa, as imprecisões, os contornos frouxos, e as formas diaphanas, deleito-me nesta payzagem turva como um sonho escandinavo, e nesta nebuloze cinzenta e acariciante como farrapos dos astros, ou beijos dos deuses escondidos nos musgos...»

São pequenos trechos de poemas em proza; são dispersas contas pallidas de um colar; são soltas estrophes de poesias feiticeiras; são como phrases destacadas de symphonias prodigiozas de belleza — reveladoras da riqueza esthetica que se enthezoura nos nervos e no espirito de quem as escreveo.

Essa Senhora — que os saloens nunca sufficientemente conhecerão, e que o publico nunca poderá attingir, — os primeiros porque nunca conseguirão eliminar a grande mancha de banalidade em que são afogados os authenticos espiritos escolhidos, o segundo porque a sua educação artistica e a cultura da sua intelligencia são mesquinhas e rudes, essa Senhora que não se exhibe com a chancella de mulher

de lettras, tem prompta uma obra dramatica, tão faustoza e principesca no decorativo, como profundamente rara nos sentimentos que debate. É, a meo vèr, felizmente, irrepresentavel. E digo felizmente, porque não passarei pela magoa e pelo desconsolo de a vêr ahi nos nossos palcos, deante de plateias mestiças e mediocres — para quem a suprema graça está no calão plebeo, e a suprema Arte no fado batido...

Mas quando esta Senhora se resolver a publicar o seo trabalho, hei-de pedir me mande fazer um exemplar em pergaminho côr de marfim velho, a que hão de pôr-se illuminuras gothicas, e depois mando-t'o, para que o leias, na tua casa da Dinamarca, na nevoa lactea dessa payzagem, onde passa o perfil mao mas tentador de Kirkegaard, aquelle que soube encontrar e codificar a suprema arte da seducção...

X

Amigo: — Ao chegar, vim encontrar a tua carta: uma larga folha de velino, com a tua divisa desconsolada — *pas de chance!* gravada a branco, e em que singelamente me dás parte de que vaes percorrer mundo. Terei que suspender, até ao teo regresso, as minhas cartas? Mas creio, no entanto, que esta ainda vai encontrar-te, na solidão do teo monte, e no ligeiro enfastiamento destas tardes de fim de verão.

Eu detesto as viagens — pelas cruas realidades a que ellas nos obrigam, pelas inevitaveis desilluzoens e desagradaveis decepçoens a que ellas dão logar.

E' preciso conhecer o mundo, eu sei: mas ha muitas maneiras de conhecer o mundo, sem termos necessidade da 1.ª classe de um vapor, ou da cabine de um comboio. Nunca a viagem me attrahio:

antes, sempre, me repugnou, pelo que ella tem de irritantemente superior a nós — nas horas que nos impõe, nos serviços a que nos sujeita, nos precalços mesquinhos a que nos obriga.

Depois, a viagem suppõe um programma. E ha lá nada peior do que um programma? Nas touradas e nos circos e nos espectaculos, o que ha de mais interessante é o que não vem no programma: a queda do acrobata, a teimosia do toiro, a *gaucherie* do toireiro, o destrambelhamento do actor. O que a gente não espera é o que interessa. O que a gente espera já está meio realisado na nossa mente. Eu ainda tolero a viagem — quando ella nos permitte uma paragem aqui, um desvio ali, conforme a nossa vontade, o nosso appetite, o nosso capricho. Mas atravessar a paysagem na velocidade mechanica de um comboio ou na róta cega de um navio, é imperdoavel. Depois, é a estação, e os seus chefes, e os seus moços, e os seus apitos, e o seu ruido de rodas que deslisam, e o fumo negro das chaminés que fumam, e a algazárra do turista, e a

mescla dos viajantes. Quando sou forçado a viagens, procuro sempre viajar só. Não ha nada tão aborrecido como o *tête-à-tête* de um viajante!

Viajar para quê? Ha duas terras que não me desagradava conhecer: Florença e Veneza, se o receio de encontrar aspectos e impressoens inferiores me não contivesse um pouco o desejo. A Veneza das lagunas e das gondolas, dos palacios de marmore e das escadarias de jaspe, das sombras dos Doges e dos encantamentos das Dogaressas, não terá mais encantos, com certeza, para quem a vê ao natural, do que para os que a conhecem atravez os livros dos artistas, e os quadros dos pintores. A Veneza do *Il Fuoco* e de Musset, dada na delicadeza pura do que tem de bello, na abstracção purificadora do que tem de sujo e feio — é uma Veneza de sonho e de magia. E Florença, a dos cyprestes esguios, a dos cemiterios-maravilhas, a Florença do Dante — vista atravez a palavra divina de Ruskin, ha-de ser bem mais bella do que a que tu vais vêr.

Sem duvida que eu sinto o quanto é agradavel a impressão directa da Belleza. Mas se eu posso obtel-a, sem o trabalho desagradavel de um fatal depuramento do que é feio, tanto melhor!

Deitado numa poltrona, entre almofadas de seda, num ambiente de flôres e sombra, com os teos galgos brancos aos pés, e além, nos jardins, as fontes, cantando tristezas nas bacias de marmore, — tu, meo amigo, podes vêr a Florença do Dante, e a Veneza das lagunas, e a Roma do Colyzeo, e a Bruges da bruma e do silencio — lendo, nos livros, e vendo, nos albuns de Arte, o que ellas teem de bello. E vêr o que ellas teem de bello em sonhos, no teo sonho, na suggestão dos sonhos dos esthetas — ou na prosa voluptuosa de D'Annuzio ou nos versos tristes, indecisos, nevoentos de Rodenbach.

Ha lá coisa mais linda, na vida, do que a Chimera, essa Chimera que tem olhos verdes e cabellos de oiro, e cujo corpo ondula como as serpentes, e cujos beijos embriagam como um veneno?

Viver na Chimera, meo Amigo, é viver na Belleza, porque a Belleza é tanto mais bella quanto mais chimerica! Ora tu, viajando na atmosphera do teo quarto, tepida e acariciante como beijos, vives na Chimera, e indo vêr, com teos olhos mortais, as linhas e as fórmas, vives na realidade. Se algum dia sonhaste chimeras que se resolveram em realidades, tu me dirás, meo Amigo, quando te encantaste mais. Precisamente a razão de ser do nosso pessimismo, da nossa neurasthenia, do nosso tédio está na conversão da Chimera em Realidade... A mulher que a gente ama na Chimera é eternamente moça e eternamente linda, — sem nunca deixar de ser differente, como o nosso Desejo quer, e o nosso Capricho exige.

Eu gosto immenso de ouvir uma muzica — emquanto a não retenho no ouvido: uma vez sabida, perde o encanto.

Viajar, para quê?

Acceito a viagem, por egoismo: — para que os outros me descrevam o que viram, para que eu possa saber o que ha, pelas

descripçoens dos outros — quando esses outros são artistas. Maurice Barrès escrevendo o seo *Du sang, de la volupté et de la mort* (o seo melhor livro) praticou um acto bello e bom, porque nos dá impressoens do que vio, suggerindo-nos impressoens pessoaes novas. Dizem que o seo livro sobre Toledo é falso, porque Toledo não é nada do que Barrès descreve. Que importa? Eu não quero saber do Toledo dos engenheiros e dos mestres de obras, do Toledo dos geografos e dos funccionarios da Estatistica: eu quero saber do Toledo dos artistas, e o Toledo de Barrès é bem interessante...

O politico deve viajar; devem viajar: o homem de sciencia, o engenheiro e o mechanico, o industrial e o commerciante, o agricultor e o homem de negocios. Mas o artista, não. O artista deve sonhar, idealisar, com elementos puros, productos já de sonhos. E só deve sacrificar-se quando esses elementos não existam ainda, e seja preciso crea-los, para que o sonho dos outros se realise...

Vaes viajar. Creio que passarás pela

Italia, a formoza, e não deixarás de ir a Veneza, cidade da morte. Eu fico. E sonho-me deitado numa gondola de oiro em noite de luar doce. A brancura dos marmores reflecte leitosamente o ar do luar. Nas agoas quasi mortas do canal, a minha gondola de oiro, baloiça-se levemente, como se a agitasse um sopro debil de creança. Nas janellas rendilhadas dos palacios, apparecem figuras de Carnaval veneziano. O luar é brumoso. Cerram-me os olhos dedos finos e leves, — os dedos da morte. Beijam-me os labios, labios finos e leves — os labios da morte. E apertam-me num grande abraço, braços magros e finos, — os braços da morte...

Brandamente, docemente, a gondola ondula nas aguas quasi mortas do canal. E eu sonho os sonhos que tu não sonhas, que tu não poderás jamais sonhar, quando, de facto, te deitares numa gondola, embora ao luar, no Grande Canal...

Até á volta, — se me mandares dizer que sempre partes, e que partes breve.

XI

Amigo: — Não me fadou o Destino para arauto de Côrte, e muito menos para arauto interessante de uma Côrte interessante, como essa que nessa noite de sonho, perante os meos olhos passou. Mas quizeram os meos nervos que eu afivelasse a mascara de sêda de arauto, e fizesse a apresentação singela da côrte brilhante...

Deixei, ao entrar na sala, as minhas preoccupaçoens terrenas, as minhas paixoens politicas, os meos peccados e as minhas maldades. Esqueci-me mesmo, de que sou um pouco emigrado, nesta hora e nesta terra, pois que a hora que passa não é minha, e a terra em que vivo não parece a minha terra...

E assim, entrei no sonho, de alma pura

e espirito puro, de alma branca e de espirito branco, na immaculada aspiração de um sonho de belleza de que a minha alma saia encantada, e o meo espirito saia saudozo.

Ao entrar na sala do sonho, onde as manchas mudas dos espelhos reflectem elegancias, e a luz doce e affagante illumina perfis graciozos; ao entrar nessa sala, onde, ainda, ás horas mortas e tranquillas da noite, passos leves passam, e vozes leves murmuram, — os passos leves de senhoras de *antan*, as vozes leves de aquellas que, nella, confidenciaram os seos amores, e deixaram adivinhar as suas desilluzoens; ao entrar nessa sala, eu esqueci as agonias tragicas do momento, mixto de loucura e de perversidade e, elevado o Pensamento ás superiores regioens da Arte, num delicioso abandono voluntario, senti-me tão longe do *pandemonium* diabolico que está sendo a vida portugueza, como se caminhasse entre o deslumbramento das estrellas, mal podendo olhar a podridão dos pantanos.

E então, para mim, pobre presidiario da Politica, essa noite, e mais do que essa noite, o sonho que sonhei, foi a gota de agoa fina que consola o viandante perdido em deserto ardente, foi a lagrima de piedade e de amor que cahe dos olhos bellos de mulher bella, pela augustia de um Desventurado...

Fui, nesse sonho, figura de sonho. Figura de um sonho encantado, deixei-me levar no affago da suggestão, deixei-me perturbar pelo beijo seductor da Belleza... Fiquei-me durante essas horas, como aquellas *princesses d'ivoire et d'ivresse* que o genio de Jean Lorrain nos pinta, como aquellas moiras encantadas, e aquelles principes lendarios que junto das fontes se ficavam por toda a vida, — ouvindo a agoa cahir, rythmica e branda, em pratos de marmore, — contando contos que ninguem entende, rezando rezas que ninguem reproduz....

Figura de um sonho que sonhei, fiquei-me como as sombras da evocação dos magos, que nos acompanham e comnosco vivem, mas que nós não vemos, — tão espirituais

ellas são, e tão espiritualmente ellas vivem...

Foi esse sonho, o meo sonho de Belleza!

Imaginemo-nos, cerrados os olhos, numa doce penumbra que nos enlace e quasi nos adormeça.

Apague-se, um pouco, o brilho baço dos espelhos!

Diluam-se, um pouco, os recortes dos perfis!

Esbatam-se, um pouco, as linhas agudas dos corpos!

Nesta atmosphera de sonho, quasi languido, quasi dormente, sintamos o silencio passar por nós, tornando mais brandas as pancadas dos nossos corações, tornando quasi imperceptiveis os nossos murmurios, como se tudo se afogasse em pelles e velludos...

Imaginemo-nos em Paraizo artificial, num daquelles encantados paraizos que Charles Baudelaire descreveo, e em que os perfumes são lentos e doces, e as symphonias nos beijam mysteriosamente... E como se ondas de oiro de deozas pagãs

nos abafassem a voz e nos enervassem os sentidos,—deixemos que o silencio nos invada, o silencio magestatico e sagrado das cathedraes mudas, e dos lagos abandonados ao segredo dos mortos...

Tão profundo devemos imaginar o silencio,—que nem o brilho das joias nos deve ferir, nem o leve ranger de uma seda nos deve magoar...

E como se deante de uma tela dolente de Puvis de Chavannes nos encontrassemos, com o seu fundo de côr torturada mas encantadora, *o meo sonho* começa, lentamente subindo do mysterio—enygmatico como a propria face da Chimera!

Do fundo da minha alma mergulhada em silencio—o *Sonho* sobe!

Lentamente, lentamente, lentamente, vai subindo como as agoas sobem, lentamente dominando como o Sonho sabe dominar...

Tudo esqueço... Tudo esqueço!

Nesse sonho, agora, ha só a minha voz, a minha voz evocadora, e a minha Arte, a minha Arte que descreve, se insinua, e desenha e traduz...

Confundem-se as almas... Confundem-se os espiritos...

Silencio!

Attenção, que o sonho começa!

Já o sinto...

Attenção!

Notas finas, mas esbatidas, notas surdas, melancholicas, passam no espaço, mal beijando o silencio...

Notas de cravo, do cravo que dedos de authentico artista ferem, e que vêm, no sonho desta noite, constituir o fundo generico de todo o sonho...

Notas de cravo...

Animadoras de um passado que não volta, ellas erguem, deante dos meos olhos meio-adormecidos, — as figuras vaporozas e empoadas que a aza do Tempo cobrio ha muito, — essas figuras que dançando os seos minuetes e as suas pavanas, feiticeiramente encantavam a existencia.

Notas de cravo...

Finas, leves, delicadas, — são bem as notas proprias para serem desferidas na cella calma de um convento por mãos dia-

phanas de monja espiritual, são bem as notas dignas de serem ouvidas em saloens luxuosos, entre damas abraçadas por sedas e rendas, preciozas e elegantes.

Na magia desse sonho que vou descrevendo, as notas do cravo embalam-me no seo encantamento e na sua doçura...

Umas vezes solitarias, desenham a *Gavotte* de Rameau numa doçura, numa ternura de infantilidade angelisante, outras vezes abraçadas aos soluços do violino ou enlaçadas pela voz humana,—exhibem-nos graciosidades ou recordam-nos angustias...

Mas, pouco a pouco, vão as notas do cravo morrendo em surdina que decresce,—como o murmurio de um beijo que desmaia...

E emquanto as notas do cravo tristemente se difundem, morrendo no silencio, começam os meos ouvidos sentindo uma flebil voz feminina, tão feminina, que outra mais feminina não é facil encontrar, a qual corporisando-se, passa cadenciada, no espaço.

Tem ternuras tremulas, essa voz. Tão acariciante, tão meiga, — que não sabemos se é a voz de uma creança entristecida de ter chegado a mulher, — se é a voz de uma triste mulher chorando, saudoza, a sua voz de creança...

Voz que percorre hieraticamente o nosso Pensamento, nos versos que nos diz, dá-nos a maga impressão da delicadeza emocional de quem a possue...

Quem a canta põe na sua maneira o maximo de emoção; a sua voz crystalina como a agoa das fontes perfuma o meo sonho, o sonho dessa noite...

Mas voltam as notas do cravo a subir, confundindo-se com as derradeiras palavras evocadas.

E no sonho bemdito em que nos vamos, destaca-se, de repente, outra doce voz que tem soluços e desesperos, que tem soluços, ao cantar-nos a eternidade da tristeza do amor, e tem desesperos ao confessar-nos a illusão amarga do prazer do amor...

É a singela, mas desesperadora Ro-

manza de Martini, em que fluctuam sonhos desfeitos e prepassam realidades dolorozas...

E a voz que a diz, tem agonias, reflecte o abandono, a tristeza da solidão, aquella infinita tristeza que Antonio Nobre evocou num livro triste...

Ao longe, no horisonte do infinito, desfazem-se em sonho, as duas vozes, unidas no deslumbramento da mesma luz...

E notas soltas de piano se erguem, numa polychromia sonora, evocadas por dedos feiticeiros. E é a dulcissima muzica de Schubert, cheia de impressoens, lançando-nos, sonhando, em ceos abertos, ceos infinitos, mas cinzentos, entediados...

Porém, para que a tristeza do tedio não alastre no sonho, como ingrata mancha de veneno, — começo distinguindo tintas alegres e claras, nas palavras de Hegésippe Moreau, que me chegam em voz cuidada, — sublinhadas, num contraste só possivel em sonhos, pela agonia, pela anciedade, pela algida anciedade dos versos de Gautier, e pela graça, pela delicadeza leve dos versos

*

de Rosemond Gérard, que a mesma voz nos lembra com notavel relevo... .

E vai o sonho a diluir-se numa penumbra indecisa, quando, *bruscamente*. a noite se faz, funebre, tremenda...

É a phase da angustia mystica... O piano, nas mãos superiormente suggestionantes dum muzico triste, entra na região do vago, no impalpavel,—ora attingindo as alturas tragicas de um orgulho infinito, ora descendo á misera candidez de uma infinita humildade... É o pequeno trecho da opera Boris Godonnoff, daquella ingenua creança, daquella timida creança que se chamou Mussorgsky, e que Camille Mauclair, o sacerdote da Religião da Muzica, compara ao meo querido Paul Verlaine...

São auroras debussystas, são alvoradas magestozas da muzica moderna,—desse ceo bizarro e divino onde são deoses Debussy e Dukas, Ravel e Mahler, desse ceo que eu queria ter o bemdito prazer de vêr e amar, numa tarde de sonho dolente...

E logo, trabalhado ainda pelo mesmo muzico, o soneto de Baudelaire, *La mort*

des pauvres, vem, numa lamentação tragica, dito e sentido por uma voz bella e impressionante. E com as ultimas palavras da poezia de Baudelaire, desfez-se o pesadelo do sonho, para, de novo, as curvas elegantes, os requebros finos, as notulas suaves, sobresahirem no sonho, no sonho dessa noite...

É Mozart, de perruca perfumada e casaca de velludo, de punhos de renda e pulmoens desfeitos, que passa, evocado pelo cravo, pelo violino, pelo violoncello—animados por almas inspiradas.

E Mozart, sempre requintadamente delicado, afasta-se, em passos leves, para que domine a atmosphera do sonho a grandeza profunda de Bach, que nos enlaça amorosamente...

Mas, de novo, Mozart, passando, volta, romantico, apaixonado, lyrico, na opera *D. João*, a que uma voz feminina dá o encantador relevo da sua côr que é linda, numa interpretação intelligente, e suggestiva!

É o outomno do sonho...

Ha frio; ha nevoa; ha folhas seccas cahindo, rythmicas, amarelladas, dos braços quasi nús de arvores quasi mortas. Mas docemente, enygmaticamente, em curvas que parecem rendas, — domina, agora, a desolada paysagem do sonho, o *Étude en forme de valse* de Saint-Saëns, notavelmente executado...

Não accordemos agora, não me accordem agora... Pobre sonho dessa noite...

Ha um minuto de inconsciencia sombria, quasi infernal — e o violino e o piano veem sacudir-me os nervos, ferir-me a carne, agitar-me a alma, sobresaltar-me o coração, no *Preludium e Alegro* de Kreisler — o que faz que o meo sonho morra em ceos verdes de desespero, em manchas cinzentas de tédio, — daquelle tédio em que eu me enveneno e me deslumbro, daquelle tédio que é o nosso inferno, quando nos vence, e é o nosso lindo ceo, quando nos falta...

E pouco a pouco, as minhas palpebras, menos pesadas, menos cançadas, menos cerradas, vão-se erguendo; os meos olhos vão-se habituando á luz; o meo

coração vai batendo mais forte; — a vida do meo espirito vae sendo mais senhora de si mesmo...

O que estive vendo? O que estive ouvindo? Nem o sei já! Figura de sonho que fui, em sonho vivi...

E o sonho findou, amargamente, em ondulaçoens melancholicas e sombrias!

XII

My Lord: — Numa jarra de prata lavrada onde a gentileza de uma querida Amiga fez gravar as frias e orgulhozas palavras da minha divisa, floresce, elegante e enervante, um iris preto, agonizando em perfume. Ha pallidez no ambiente do meo quarto. E até a esmeralda côr de absyntho gelado, esphingica e má, que brilha no meo dedo, seduzindo-me os olhos e pervertendo-me os nervos, até a minha esmeralda está pallida e suave....

Aberta na minha frente, a tua carta de queixumes, em que manifestas o teo espanto pela subita mudança que descobriste nos sentimentos da Maria da Graça, sacode-me desta indolencia quasi voluptuoza que me abraça, e leva-me a pôr entre os dedos a penna indiana, trabalhada e exquisita, para te responder.

Eu disse um dia que a mulher é uma obra de Arte. E como a obra de Arte é tanto mais bella e artistica, quanto mais enigmatica se nos apresenta, a mulher, para não fugir á caracteristica das obras de Arte, é, tambem, um enigma que o homem tem a presumpção facil de decifrar, mas que, a meo vêr, é cada vez mais indecifravel.

A mulher, meo Lord, é o mysterio. Ou seja aquella primeira *Diabolica* do Barbey d'Aurevilly ou a tua Maria da Graça — a mulher é sempre a esphinge, é sempre a mascara, é sempre a reticencia equivoca.

A logica, na mulher, é o absurdo. Fallar na logica da mulher é fallar no inexistente. A mulher que ponha logica nos seos actos, deixa de ser mulher, para ser um homem, vestido de saias. A mulher é o capricho. E a logica do capricho ninguem a conhece.

Podemos, talvez, figurar-nos o temperamento de uma ou outra creatura. Mas dizermos que possuimos a psychologia da mulher como conhecemos a psychologia do homem, não, e não!

Nos seos beijos que mal nos roçam a

pelle, ou tão profundos que nos fundem os labios; nas suas caricias adormecedoras como um veneno doce, ou crueis como os abraços das serpentes; no seo amor e no seo odio, a mulher é o mysterio eterno — e antes assim, porque quanto mais mysterioza mais encantadora...

Dizes que a tua Maria da Graça mudou. É que tu o sabes? É que o sabe alguem? No dia em que tu pudesses perceber, objectivamente, que, *na verdade*, ella mudara, nesse dia a Maria da Graça deixaria de ter graça para ti, porque a mulher em que se lê, nos olhos ou no ar do rosto, nas palavras que lhe ouvimos ou nos suspiros que lhe provocamos, o que ella *realmente* sente, é uma mulher banal, indigna de que eu repare nella, e de que tu te preoccupes com ella.

E é precisamente porque a mulher é o mysterio, o enigma e a esphinge, precisamente por isso, ella é motivo das nossas preferencias artisticas, e dá-nos assumpto para as nossas divagaçoens litterarias.

Esse livro que Julio Dantas lhe consa-

grou, e que tu tens na tua meza, encadernado a marroquim vermelho escuro, com ornatos simples de prata, esse feixe de pequenos artigos, leves como rendas, e futeis como as coisas bellas, e lindos como as joias, vem confirmar a minha maneira de vêr, pois que de tanto que das mulheres falla, bem pouco da mulher nos diz. E Miss Kate assim o constata, quando escreve que «ainda ha-de vir o primeiro homem que faça a mais pequena ideia do que é uma mulher».

Tu gostaste muito desse livro, e eu não gosto menos do que tu. Uma senhora do meo conhecimento, a minha amiga M.-C., que te apresentei o anno passado em minha casa, e que te encantou com seo perfil Sarahbernhardesco, onde fulgem uns olhos de suave tristeza, e com a lucidez singular do seo espirito, e a sua nada vulgar cultura litteraria, — essa senhora insurgio-se contra a inserção no livro *Mulheres* de algumas chronicas finais — as respeitantes á viagem submarina e á Divisão de Tancos. Dei toda a razão á minha querida Amiga, porque

essas chronicas ferem o conjuncto geral de galanteria, de espirito e de belleza, que é o livro de Julio Dantas.

Eu gostei muito desse livro. A prosa de Julio Dantas tem doçuras de veludo, e é impregnada de uma tão vaga, e tão magoada, e tão ligeira saudade,—que a fascinação que exerce sobre os nossos nervos é completa. O trecho *O livro de missa* é das suas mais commoventes, e mais enternecidas paginas, onde a candura nos surge abraçada á graça, e a Paixão se nos revela plena de innocencia e castidade... A tragedia de Pierrette, a angustia da *Maria Manoela*, o lyrismo romantico de *Uma Flôr*, a wildesca pagina do *Flirt*, a travessura infantil da *Noiva*, a graciosidade emocionante da *Tia Angelica*,—isso não esquece, e só pode ser feito por quem tenha nervos e faculdades superiores. O poder singular de descriptivo revela-se notavelmente no *Busto da Duqueza*; o carinho quasi feminino pelas coisas delicadas está na *Muza das Rendas*; o retrato *Francisco Beirão* é uma evocação viva, animada, flagrante.

Não é um livro para lêr: é um livro para relêr, para saborear, gulosamente, consoladamente, com volupia. É o livro de um artista.

Mas é a Mulher, nas suas paginas, mais conhecida, mais analysada, mais dissecada?

Não me parece.

E o melhor é não tentar comprehender a mulher. Deixemol-a assim, tal como se nos apresenta, fluida como uma sombra, longinqua como um echo. Não tentemos expôl-a ás analyses frias da nossa Razão: acceitemol-a como ella é — motivo alado das nossas illuzoens, motivo das nossas phantasias, seductor motivo das nossas loucuras.

E para que te amofinas tu, meo caro Amigo, com isso a que chamas as exquisitices da Maria da Graça, se não vale a pena a gente amofinar-se com o que aconteceo, porque já não tem remedio, e com o que ha-de vir a acontecer — por isso mesmo que ha-de vir a acontecer?

Eu, em verdade, já estava extranhando e lastimando a tua demora junto da Maria da

Graça. As mulheres são como os apeadeiros, na linha ferrea. Não queiras fazer dellas estaçoens terminus... Não devemos demorar-nos junto da mulher, e cultivando o seo amor, mais do que o tempo preciso para que da nossa passagem lhe fique a sombra de uma saudade, nunca o tempo sufficiente para lhe dar motivo a suppôr a aproximação de um instante de aborrecimento. Depois, tu não deves lembrar com tristeza a mulher que tiveste — porque se a tiveste, foi porque a mereceste — ou pelo brilho dos teos olhos, ou pela força dos teos braços, ou pela seducção do teo espirito. Nós só devemos lamentar as mulheres que ainda não tivemos. A Maria da Graça encantou-te. Eu sei. Vocês já estavam tomando o detestavel aspecto de noivos. Mas quem te diz que outras depois della te não encantarão mais? E não seria aborrecido saberes que perdeste os encantos das outras, pelo muito que te prendeste junto desta?

Por outro lado, deves constantemente experimentar o teo poder de seducção, por-

que não ha nada peior do que averiguarmos que já nada somos, como não ha nada melhor do que irmos vendo que ainda somos tudo. Guarda o retrato da Maria da Graça na collecção dos retratos das mulheres amadas. E en avant! Que lindo, chegares a velho, já cançado e encanecido, tremulas e magras as tuas mãos fidalgas, tristes e sumidos os teos olhos azuis — e vêres á tua volta, na mesma hora, numa sala de doce atmosphera, as tuas amadas da mocidade, tremulas tambem, velhinhas tambem, recordando, tambem, como tu, os beijos de amor trocados, os abraços dados em minutos de glorioso amor, as horas de encantamento e sonho, passadas nas sombrias alamedas dos parques, nas desertas e nuas praias do mar, sob a luz dos candelabros nos saloens de luxo, e no carinho e nas caricias dos segundos intimos! Que lindo, recordares tudo isso, e poderes, em sonho tranquillo, transformar a velhice das tuas amadas na mocidade das tuas amantes!

Porisso eu que andava aterrado com a

tua permanencia junto da Maria da Graça, pelo legitimo receio de que viesses a casar, eu folgo com que ella esfriasse um pouco, e te collocasse a ti na situação de poderes libertar-te inteiramente.

En avant, meo Amigo! Como as borboletas, colhe em todas as flores que encontrares, em todos os labios sedentos que se te offerecerem, o mel dos beijos, mais doirado do que o mel das abelhas, e mais doce do que elle.

Para um homem como tu, sosinho, exemplar perfeito do sosinho, a vida só valerá pelas mulheres que tiveste. Deixa os outros valores da vida para os homens como eu. Tu deves contar os teos momentos de orgulho, pelos seios moços e redondos que beïjaste, e pelas tranças que desfizeste, e desmanchaste, e soltaste sobre a nudez delicioza, para que na sua contemplação teos olhos não cegassem, e no seo desejo a tua alma não enlouquecesse...

Adeos. A minha indolencia é grande, o meo tedio é profundo, e sinto quasi tentação de me deixar ficar, adormecido, quieto,

esquecido de mim e de tudo, alli, sobre aquella cólcha de damasco amarello, na suggestão de uma payzagem de tedio. Adeos. Saudades á Civilização, — e beija por mim, em espirito, todas as mulheres dignas dos meos beijos.

XIII

ADORAVEL Amigo: — Agradeço-te, muito commovido, o autographo de Eça de Queiroz que me mandaste, e que recebi hoje, nesta manhã de neblina, toda aborrecida e maçada. Fizeste bem, porque eu adoro o Eça de Queiroz, não, é claro, o Eça de Queiroz das turbas e dos clubs republicanos, não o Eça de Queiroz do Livre Pensamento e da demagogia, — mas aquelle encantador, aquelle elegante, aquelle gentleman Eça de Queiroz do Fradique Mendes.

Não é o Eça discipulo de Zola ou do Flaubert da *Bovary*, o Eça que me encanta. Aquelle que me fascina, é o Eça do Fradique, e do Carlos da Maia, e do João da Ega. Este, sim. Este não quiz fazer arte utilitaria e social, arte-vehiculo de ideias, arte-cesto de compras, arte-carrinho de conduzir bagagens. Este não quiz fazer arte-artigo de

fundo, arte-suelto politico, arte-discurso de parlamento, arte-projecto de lei. Este não quiz fazer arte-Diario do Governo ou arte-acta do Conselho de Estado. O Eça do Fradique quiz fazer Arte pura de macula, Arte immortal de Belleza, Arte superior ás paixoens, e ás infimas mesquinharias humanas. Que importa á Arte, o *Crime do Padre Amaro* e o problema do celibato dos padres? Que importa á Arte, o *Primo Bazilio* e a falta de cohesão moral da familia lisboeta?

Nada!

O que a preoccupa é a muzica das phrases, a elegancia das linhas, a subtileza das emoçoens, o prazer dos olhos, o prazer dos ouvidos!

Eça de Queiroz era um *raffiné*. Tendo sido, com Camillo e Ramalho, um dos grandes factores dissolventes da sociedade portugueza — mas não com o Fradique, com o Carlos da Maia, ou com o João da Ega — foi-o, no entretanto, com maneiras de dandy. Porisso lhe não quero mal...

Eça, Ramalho e Camillo foram os trez grandes desordeiros deste arraial social cha-

mado o meio portuguez. Mas Eça manejava o florete agudo e flexivel; Ramalho, a espada forte; Camillo, o cacete brigão da justiça de Fafe.

Todos elles bateram. Mas cada um bateo a seo modo.

Todos elles riram, que o riso é ainda a grande maneira de bater, e todos elles fizeram rir. Mas cada um rio a seo modo, e fez rir differentemente. E a seo modo bateram, a seo modo magoaram. Eça deixava no nosso corpo pequeninos pontos sangrentos, de hemorragia ligeira: pouco mais que picadas de alfinetes, não chegando bem a perfuraçoens de estoque. Ramalho cortava: a ponta dum dedo, uma orelha, mas cortava. Camillo partia-nos as costellas, arrazava-nos. Por outro lado, o riso de Eça era um riso pouco mais do que sorriso, um riso *ganté*, fino, delicado e perfumado. Um riso que pede licença, de casaca e chapeo alto, de monoculo entalado, orchidea na lapella e peitilho brilhante, leitor de Samain, e inspirado por Baudelaire: um riso civilisado, possivel deante de senhoras. O riso de Ra-

malho era mais sacudido e mais forte. Riso sadio. Riso de calçado americano, de duas solas. Riso de quem tem musculos de aço, adestrados no remo ou no *box*.

O riso de Camillo era a gargalhada: riso de circo, ou riso de romaria.

Riso em mangas de camisa e varapao, grosseiro e plebeo.

O riso de Eça fumava um cigarro egypcio de ponta doirada; o riso de Ramalho apreciava, saboreava, vagarosamente, um bom havano. O riso de Camillo ou chupava um cigarro forte, ou pitadeava um rapé espirrento.

O riso de Eça era um artificio esthetico, o de Ramalho, uma expansão de saude: o de Camillo, ou uma explosão de bilis ou um ataque de colera.

Eça era um triste; Ramalho, um saudavel; Camillo, um amargo.

A ironia de Eça, ainda ferindo, é elegante. A de Camillo é brutal. Eça deixou-nos o João da Ega e o Fradique — flores de estufa. Camillo deixou-nos o Euzebio Macario e o Fistula, — abominaveis e ignobeis.

Ramalho era, por assim dizer, a transição entre a elegancia precioza de Eça, e a brutalidade minhota de Camillo. Nem a sua saude o deixava cahir na requintada ironia do seo amigo de sempre, nem a sua educação lhe permittia adoptar os processos de Camillo.

O Eça que eu amo é o Eça de Columbano: macerado, pallido, magro, gelado — flor de tedio, espalhando á sua volta o perfume morbido de uma civilisação decadente, diaphana e bella, amachucada, pisada, enxovalhada por uma plebe maltrapilha de *parvenus* e imbecis. Eça de Queiroz — o Eça do *Fradique*, e Anthero, — o Anthero dos *Sonetos*. foram duas flores raras passeiando, cheias de desdem, o nosso tempo, onde mal chegaram a florir — o lyrio pallido de Antonio Nobre, o chrysanthemo desmaiado de Cesario Verde — e onde ainda, baloiçando-se, derramam seos perfumes, as rozas de todo-o-anno dos *Simples*. e as torturadas begonias de Eugenio de Castro...

Ai, menino! Dá-me o Eça do Fradique, o Eça daquellas sublimes paginas de Santo

Anthero, do In-Memoriam, e leva-me tudo quanto ha para ahi no genero opposto, tudo, desde o Zola, cheirando mal no *Terre*, até ao Maupassant das scenas equivocas; desde o Hugo da *Lenda dos Seculos*, ao Lamartine das *Harmonias*, desde a Sand do *Consuelo*, á Senhora Anna de Castro Ozorio do ministerio do trabalho, leva-me tudo, que eu fico rico, rico de um thesoiro de encantos, mais bello do que os thesoiros fascinantes que outrora se encontravam nas Indias virgens.

Uma vez, uma noite quente de julho quente, uma senhora com quem converso ás vezes, e em quem te tenho fallado já, quiz que eu lhe ouvisse, ao piano, uma das mais interessantes symphonias de Beethoven.

O salão era um longo salão mergulhado em sombra discreta, com moveis sombrios e graves, e poltronas flacidas e acariciantes e aconchegantes como braços entontecidos de somno. Ao piano, levemente illuminada, essa encantadora figura, de magreza espiritual, e perfil de imagem de Chavannes, subtilizava-se, na interpretação extraordinaria de

Beethoven. A quasi um anno de distancia, estou a vel-a ainda, dominando o salão silenciozo, senhora dos nossos espiritos fascinados, rasgando-me, deante dos olhos calmos, payzagens deslumbrantes de sonho e de mysterio. Tudo, no seo aspecto, era encanto e graça. O penteado, em cachos antigos, dava á linha do seo rosto, o ar religiozo de um preciozo Dios-Coride. Cahiam-lhe, das orelhas, brincos antigos daquella belleza rara que só as joias antigas têm. Os seos dedos magros, como hastes de lyrios, onde as pedras finas punham scintillaçoens de sois, — corriam o teclado, ou lentamente, como cançados, batiam as notas, em agonias lentas...

E, nunca, na minha vida, como nesse momento, eu desejei ser quem não sou, e me aborreci de ser quem sou. Nesse momento, no momento da maior fascinação, emquanto os meos olhos erravam, no sonho mystico da *Sonata*, vendo formas brancas e algidas enlaçadas, e dançando ineditas e irrepetiveis danças — eu queria descrever o que estava sentindo, ou quereria que mo

descrevessem. E, eu sei lá porquê!, foi a imagem do Eça do Columbano, magro, descòrado, quasi immaterial, a que eu vi, ao meo lado, seguindo com seos olhos myopes o meo sonho, e tacteando com as suas mãos frias, a quasi treva daquella sala. Eu desejei ter, nesse momento, o segredo que Eça de Queiroz possuia, e lhe permittia escrever o Fradique e as paginas de Santo Anthero...

Essa noite impressionou-me singularmente. Ou porque a impressão foi muito profunda, ou porque na realidade me falta o segredo de Eça de Queiroz — a verdade é que nunca consegui escrever duas paginas a descrevel-a, a fixal-a, para meo encantamento proprio. O mais que pude fazer foi isso que ahi ficou, essa meia duzia de linhas insipidas e quasi banais.

Fizeste bem, meo Amigo, em mandar o autographo de Eça — pelo muito que o adoro, e pelo muito que o leio. Vou guardal-o entre os bons autographos que já possuo, e que um dia hão-de ser cubiçados pela esperteza saloia dos reporters.

Adeos.

XIV

Querido Amigo: — O que fazes, que ha tanto tempo me não escreves? Em que molles e doentias preguiças te embriagas, que não tens uns minutos de que disponhas para a conversa? Eu divago, ondulo, passeio-me em lentos aborrecimentos. Mas aqui ha dias, numa tarde fria como um beijo sem amor, sob um sol pallido como o sol crepuscular do outomno, um automovel levou-me, fugindo, entre alas interminaveis de arvores despidas e tristes, por estradas longas e desoladas. Era uma tarde dos primeiros dias da Primavera, fria e melancholica como as frias e melancholicas tardes outomniças em que as arvores pallidas e mudas começam a espalhar as suas folhas desbotadas e fracas... Eu deixára o

ambiente bafiento e sonhador de velhas tapeçarias, e ia, na velocidade rythmica do carro, arrastando na mudez entristecida da payzagem os meos olhos que as côres apagadas das tapeçarias antigas tinham encantado e enamorado.

Orchydeas lyriais, de um rôxo desmaiado, com suas pequeninas pétalas recurvas e em suas magras e flexiveis hastes, tinham vindo, de mãos amigas calçadas de anneis, para as minhas mãos enfastiadas e aborrecidas onde a lagrima desdenhosa de uma esmeralda põe sua mancha perversa e mysterioza...

O sol, numa poeira de oiro sacudida, com doçuras de moribundo, levemente beijava a payzagem. E as orchydeas lyriais, pequeninas e voluptuozas, tremiam nos meos dedos que para as caricias nasceram. Não me preoccupava saber o destino que levava o carro correndo, como nunca me preoccupa saber o destino das coisas, pois mais graça encontro no inesperado e no capricho...

Iamos andando. Até parecia que toda

a gente resolvera desapparecer, para que nas estradas eu não encontrasse viv'alma, e os meos olhos se não distrahissem do seo sonho de encantamentos — tão só eu ia vendo o caminho, tão despovoada eu ia notando a payzagem.

Mas naquella tarde fria como um beijo sem amor, estava resolvido que a minha tristeza fosse, como rainha desthronada, passeiar-se nas ruinas de um palacio antigo, e enxugar seos olhos cançados na contemplação das coisas mortas.

E assim me vi no palacio de Queluz, onde a Senhora D. Carlota Joaquina amou, com a paixão ardente dos seos olhos negros e dos seos labios vermelhos, e onde o Senhor D. Miguel se deixou amar, na esvelteza do seo corpo de infante, e na côr pallidamente sensual do seo rosto de moço.

Sempre que visito esse palacio (e dezenas de vezes o tenho feito já) a minha melancholia se exacerba, e o meo tédio se dilue, porque eu fui nascido para viver entre as ruinas e o pó do que é morto e mudo, e em parte alguma encontro tanta

morte e tanta mudez como nas salas de Queluz...

Os velludos estão puidos, as sedas esgarçadas; andam desmaiados os oiros das grinaldas, e estão tremulas e encanecidas as poltronas; são baços e estalados os espelhos; poeirentos e cançados os lustres... E no meio de toda aquella morte e de toda aquella mudez, só parece viver o busto maravilhoso de D. João VI com a sua corôa de louros de Imperator, e o seo olhar de uma tão commovedora bondade, que parece incrivel que sob o seo caracter e o seo psychismo, tantas palavras amargas tivessem formulado os historiadores.

A sala dos espelhos é o meo encanto. Phantasio recepçoens de embaixadores, num *frou-frou* de sedas, e num sussurrar de mesuras, com joias faiscando desejos, e galanterias cultivando amores. Pelas altas vidraças, vê-se o jardim versaillesco com seos lagos e seos repuxos, suas estatuetas esbranquiçadas, e os seos caramanchoens discretos.

E toda a vida de um passado que é

impossivel voltar, surge ante os meos olhos magoados, illuminados de saudade, da mais profunda e triste saudade, porque não ha saudade mais triste e mais profunda do que a saudade daquillo que se não teve...

Nessas rapidas duas horas daquella tarde fria como um beijo sem amor, em que eu me passeei pelos saloens de Queluz e pelas ruas dos jardins, entre estatuas de deozas, nessas rapidas duas horas dessa tarde fria como um beijo sem amor, eu vivi alguns dos instantes mais bellos da minha vida, esquecido do Presente que abomino, despreoccupado do Futuro que não me interessa, preso e fascinado do Passado que me encanta.

As sedas esgarçadas das còlchas, os velludos desbotados das poltronas, as tintas desmaiadas das pinturas, os echos cançados, os corredores mudos, os leitos frios, a desolação do que anda abandonado, tudo isso prende os meos sentidos e fascina os meos nervos, e desperta no meo corpo uma alma adormecida que sonha a chimera do que foi e não volta...

Alma de anjo ou alma de demonio que eu seja — sou de hontem, do que passou, do que os outros viveram e amaram, dos peccados que peccaram, do bem que quizeram, das graças que sentiram, dos amores que contemplaram...

Por isso não posso vêr restaurar ruinas; e os meos olhos embaciaram-se de lagrimas desesperadas ao vêrem a sala do Throno a vestir-se de novo, a mascarar-se de velho... Restaurar é um sacrilegio. Deixem as ruinas dos palacios e dos castellos; deixem que o Tempo e o Pó consumam, gastem, dissolvam no beijo amoroso da sua lentidão, as sedas e os velludos, os crystais e os oiros, os jardins e as estatuas, os saloens e os tapetes.

Não reavivem as côres, nem corrijam a deformação das formas. Evitem a traça, mas uma vez ella entrada no estofo, não substituam o traçado. É preciso que as coisas sejam sempre como foram; e é preferivel que ellas desappareçam, a que sejam como nunca foram. Deixem que pelas horas silenciozas da noite, quando a vida suspende sua tarefa e as horas se esquecem de bater,

deixem que as sombras dos que viveram reconheçam os lugares por onde passaram, — aquelle discreto cantinho de salão onde dois fugitivos beijos foram trocados, aquelle espelho onde uns olhos anciozos se fitaram um dia, aquelle cravo esquecido onde, uma tarde, dedos afilados erraram sobre as teclas de marfim, na evocação de Haendel...

Restaurar é mascarar. Só o tempo é eterno. Deixemos que as coisas se desmoronem e desfaçam, porque só essas deixam saudade, e só essas teem belleza...

Naquella tarde fria como um beijo sem amor, passei minha tristeza sem consolo, pelos saloens abandonados de Queluz. E sentia-me tentado a dar todos os encantos da vida cá de fóra, pelo enfeitiçado encantamento da mudez das coisas mortas. Poder ficar alli sempre, entre o soluço das coisas que morrem e o sussurro das sombras que passam, na evocação da vida que não volta mais, e que a Realidade não poderá manchar e vulgarisar; poder ficar alli sempre, assistindo ao constante envelhecimento das linhas, ao progressivo embaciar dos espe-

lhos, á morte permanente das coisas; poder ficar sempre alli, naquelle sepulchro de um Passado de Côrte, e não deixar que a mão barbara do homem retocasse o que o tempo desfizesse — tal foi o sonho chimerico do meo espirito, naquela tarde fria como um beijo sem amor, em que passeei minha tristeza sem consolo, pelos saloens abandonados de um palacio abandonado...

Já mo andam a estragar os que para lá mandaram moveis que de lá não eram. Já mo andam a profanar os que etiquetam o mobiliario e lhe dão attitudes de objectos de muzeo. Mas ainda me restam as paredes e os espelhos, serpentinas e crystais — para que o meo sonho de artista e de civilisado se espraie numa singular fascinação...

Foi nessa tarde fria como um beijo sem amor, e num instante em que me vi sósinho no silencio de um salão, e em que, fechados os olhos á luz pallida de um sol hesitante, eu me sentia vivendo seculos atraz, — foi nesse instante que eu comprehendi com intensidade que se não repete, certa passagem de Peladan: «o civilisado, sempre pes-

simista, vive melhor no espirito do passado que no do futuro.»

Cahia a tarde, quando deixei os jardins de Queluz. Sobre a minha alma desceo uma onda sombria de aborrecimento. E como alguem que tivesse lido o olhar da Esphinge e se sentisse senhor do Mysterio, tambem eu me via possuidor do segredo do Passado.

Porque ou seja demonio, ou anjo seja, —são as ruinas do Passado que me prendem, e é a saudade do que nunca tive que me seduz...

FIM